

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DE PERNAMBUCO

**UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR:
CENTRO DE CULTURA D. OLEGARINHA**

Trabalho apresentado à Escola de Serviço Social de Pernambuco, pela aluna Zaira Ary, para obtenção do título de Assistente Social

ÍNDICE

Plano	3
Introdução	4
I - A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA NO MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR	
A. Educação Comunitária, numa instituição como MCP – A atuação do Serviço Social, como instrumento para esta Educação	6
B. O Projeto de Educação de Adultos: Centro de Cultura	9
II - CENTRO DE CULTURA D. OLEGARINHA	
A. Razões da escolha da área de trabalho	11
B. Estudo	12
C. Planeamento de atividades	16
D. Execução das atividades	17
E. Avaliação	44
Conclusões	47
Bibliografia	48
ANEXOS	
I. Projeto de Educação de Adultos: Centro de Cultura – Paulo Freire	49
II. Projeto de Educação de Adultos: Centro de Cultura D. Olegarinha.....	54
III. Solicitação do Centro de Cultura D. Olegarinha do Projeto de Educação de Adultos ao MCP	56

PLANO

Introdução

I - A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA NO MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

A. Educação Comunitária, numa instituição como MCP.

A atuação do Serviço Social, como instrumento para esta Educação.

B. O Projeto de Educação de Adultos: Centro de Cultura.

II - CENTRO DE CULTURA D. OLEGARINHA

A. Razão da escolha da área de trabalho

B. Estudo

C. Planejamento de atividades

D. Execução das atividades

1. Inauguração

2. Funcionamento inicial

3. Direção do Centro

4. Atividades desenvolvidas através de grupos

a. Aulas para os adultos

b. Abastecimento d'água, chafariz

c. Curso de corte e costura

d. Clube de mães

e. Clube de Jovens

f. Clube Infantil

5. Outras atividades

E. Avaliação

Conclusões

Bibliografia

Anexos

INTRODUÇÃO

Apresentamos este trabalho à Escola de Serviço Social de Pernambuco, para obtenção do título de Assistente Social, em cumprimento a um dispositivo legal, que disciplina o Curso de Serviço Social.

Relatamos aqui o trabalho realizado no Poço da Panela – (Casa Forte – Recife), onde, em novembro de 1961, iniciamos o Centro de Cultura D. Olegarinha e participamos de sua coordenação, até novembro de 1962.

Esse é o primeiro Centro de Cultura do Projeto de Educação de Adultos, do Movimento de Cultura Popular (MCP).

Tendo elaborado o projeto “Centro de Cultura”, o professor Paulo Freire, (coordenador do Projeto de Educação de Adultos do MCP), convidou-nos para trabalhar na primeira experiência deste projeto.

Aceitamos essa experiência, pois era nossa aspiração utilizar os conhecimentos adquiridos na Escola de Serviço Social, num trabalho essencialmente educativo.

Assim, como aluna concluinte do Curso de Serviço Social, realizamos o estágio final, que foi supervisionado pela assistente social Maria Dolores Cruz Coelho, a quem somos grata pela ajuda que nos prestou, com bastante solicitude.

Este trabalho é modesto, e revela, além de nossas limitações pessoais, a carência de estudos mais aprofundados, de nossa parte.

Relatamos a experiência realizada no Centro de Cultura, procurando expressar o espírito que nos animava ao trabalhar com os adultos e a maneira como atuamos, para ajudá-los a alcançar os objetivos daquele Centro.

Na parte primeira (I), fizemos uma tentativa de fundamentar a nossa opção por uma educação democrática e comunitária, como exigência para uma realização mais autêntica do homem e da Sociedade. Esta educação deve ser desenvolvida pelo MCP, (em coerência com seus objetivos estatutários), através de seus projetos, entre os quais está o “Centro de Cultura”. Neste, o Serviço Social, pelos processos de grupo e de organização de comunidade, é um instrumento eficaz na educação do povo para a vida comunitária.

Na segunda parte (II), descrevemos o Centro de Cultura D. Olegarinha, (desde o início do trabalho, até o momento em que nos afastamos, passando a outra estudante do Serviço Social a sua coordenação); no que se refere à nossa experiência, relatamos o

desenvolvimento dado às fases do processo de organização de comunidade – estudo, planejamento, execução e avaliação.

Por fim, apresentamos algumas conclusões, fruto das observações e reflexões que fizemos sobre a experiência do primeiro ano do Centro de Cultura, no Poço da Panela.

Queremos agradecer a oportunidade deste estudo, de modo especial, aos moradores do Poço – frequentadores do Centro – ao professor Paulo Freire, mestre e amigo e a d. Maria Dolores Cruz Coelho, nossa supervisora.

I – A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA NO MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

A) A Educação Comunitária, numa instituição como o Movimento de cultura Popular (MCP). – A atuação do Serviço Social, como instrumento para esta educação.

O Movimento de Cultura Popular, sediado no Recife, inscreveu em seus Estatutos¹ os seguintes objetivos:

- “1 – Promover e incentivar, com a ajuda de particulares e dos poderes públicos, a educação de crianças e adultos;
- 2 – Atender ao objetivo fundamental da educação que é o de desenvolver plenamente todas as virtualidades do ser humano, através da educação integral de base comunitária, que assegure, também, de acordo com a Constituição, o ensino religioso facultativo;
- 3 – Proporcionar a elevação do nível cultural do povo preparando-o para a vida e para o trabalho;
- 4 – Colaborar para melhoria do nível material do povo através da educação especializada;
- 5 – Formar quadros destinados a interpretar, sistematizar e transmitir os múltiplos aspectos da cultura popular”.

Destacamos, para algumas considerações, entre esses objetivos, a que se propõe o MCP, o que se refere à educação em base comunitária.

A educação popular tem se constituído, na atualidade, objeto da atenção tanto de inúmeros estudiosos e de educadores, quanto de governantes de diferentes Nações. Segundo informam publicações da UNESCO², multiplicam-se experiências educativas, em países desenvolvidos, como naqueles em processo de desenvolvimento, numa tentativa de integrar as massas na luta pelo progresso econômico, social e cultural de suas comunidades.

Esse generalizado interesse pela educação popular se explica por várias razões:

Do ponto de vista econômico, a educação popular se constitui num elemento indispensável à própria melhoria das condições materiais de vida das grandes camadas

¹ Estatutos do MCP. – Recife, 1961.

² Études et documents d'information - Centro de documentation Du Departement de l'information de l'UNESCO.

da população, principalmente nos em estágio de subdesenvolvimento. Nestes, no entanto, como é o caso do Brasil, a falta de recursos limita enormemente a possibilidade de inversões em programas de educação popular, desde que mesmo a educação primária não pode ser estendida a todas as crianças em idade escolar. Daí que a ação nesse campo deva partir de um maior aproveitamento dos recursos existentes, integrando em tal esforço o principal interessado, que é o próprio povo.

Mas a educação popular é também de grande importância e interesse, quando, partindo dos valores culturais do povo, visa a responder aos problemas do homem, seja com referência a sua integração consciente e total na Sociedade, seja do ponto de vista de sua realização pessoal – problemas que se colocam em todas as Nações, quer nas economicamente “adiantadas”, quer nas que lutam por superar o "subdesenvolvimento".

Referindo-se à problemática do homem de nosso tempo, particularmente dos grandes aglomerados, assim se expressou o professor Paulo Freire, na fundamentação do projeto “Centro de Cultura”:

“Uma das preocupações presentes a estudiosos dos problemas do homem moderno nos centros urbanos vem sendo o de sua “demissão”, afogado na domesticação niveladora de massificação. O homem dos centros modernos urbanos, submetido a uma série infinda de controles que ele mesmo não conhece e que quase sempre não percebe, vem assumindo formas de comportamento standartizado. Suas reações perdem as mais das vezes a nota individual. Suas respostas são respostas generalizadas. Os meios modernos de difusão, de propaganda, de comunicação com as massas, vem pondo o homem desses centros em atitudes preponderantemente acríticas, ingênuas. A propaganda comercial, com toda a sua força convincente, vem se juntando, servindo-se dos mesmos meios – a propaganda de idéias, de princípios. Corre-se o risco da desumanização do homem, de sua massificação, de sua desespiritualização”.

Identificamos nossa análise das condições existenciais do homem moderno a situação da quase totalidade do nosso povo, que se vê atualmente desafiado pelo processo de desenvolvimento e de mudanças sociais por que passa a Sociedade brasileira, na busca de uma democratização das suas estruturas econômicas, políticas e sociais.

Nesse contexto, para que se efetive essa democratização, a política educacional deve visar, antes de mais nada, à integração do homem brasileiro na nossa realidade, para que ele interfira conscientemente e livremente na construção de estruturas mais humanas para a nossa sociedade.

A construção de uma ordem econômica e social, de que o homem seja realmente seu sujeito, valorizando-se o trabalho e reconhecendo-se a elevada dignidade da pessoa, exige uma educação, que prepare o homem, libertando-o do individualismo que se acha impregnada a nossa civilização e levando-o a formas novas de convivência.

Uma educação capaz de cumprir essa função tem de guardar coerência entre o que se propõe e os meios de que se serve. Daí que os seus métodos e processos deverão, em si mesmos, proporcionar a formação da mentalidade e comportamento democráticos – partindo do homem, de sua situação concreta e singular e levando-o a uma colaboração ativa na sua educação. E proporcionar também o desenvolvimento de um espírito comunitário que torne o homem consciente de seu existir com os outros, de sua solidariedade com os semelhantes, em grupo e comunidades de diferentes dimensões: a família, associações, a classe, a comunidade local, nacional, internacional.

A educação popular, assim concebida e realizada em forma assistemática, deverá encontrar o educando em seu meio e atuar, principalmente, junto aos grupos de localidade ou em associações formadas por interesses diversos. Assim ela poderá ser desenvolvida em associações de bairros, recreativas, Centros Sociais, – em Centros de Cultura, etc.

Nessa tarefa educacional, o Serviço Social será um instrumento importante, se procurar constantemente rever seus métodos e processos e delimitar a sua função junto ao trabalho de outros técnicos, inserindo-se no processo de transformação da realidade brasileira. Assim, o papel do Assistente Social e a sua contribuição educação da pessoa, dos grupos e da comunidade serão válidos e eficazes, na medida em que a atuação desse profissional se fizer, partindo de uma realidade concreta e total, no desejo de contribuir não só para o desenvolvimento, mas sobretudo para a humanização da sociedade brasileira.

No que se refere à educação do povo, particularmente nas comunidades urbanas, o Serviço Social tem atuado, em geral, junto aos Centros Sociais, onde, através dos processos de grupo e organização da comunidade, estuda, interpreta e diagnostica problemas e recursos dessas comunidades, ajudando-as a se desenvolverem, promovendo atividades de diversas ordens, planejadas com base naqueles recursos, salientando-se entre estes, as potencialidades dos grupos humanos que as integram.

De acordo com o Grupo de Estudos, que, no II Congresso Brasileiro de Serviço Social, estudou “o Centro Social como Instrumento de Vida Comunitária”³, assim podemos defini-lo:

“... instituição local em que, as pessoas pertencentes a uma mesma coletividade, coordenando seus esforços e com a ajuda de técnicos dirigentes, empreendem e executam projetos e atividades, destinadas a satisfazer suas necessidades particulares e a melhorar suas condições de vida”.

O Projeto Centro de Cultura prevê uma instituição de características bastante semelhantes às dos Centros Sociais, dando ênfase à elevação do nível cultural de determinado grupo humano.

Nos Centros de Cultura, deverão ser aproveitados, ao máximo, os meios informais de educação, como televisão, biblioteca, cinema, jogos, esportes, que surgem (solicitados pelos frequentadores ou a eles propostos) como elementos de motivação e instrumentos para a formação cultural do povo.

B) O Projeto de Educação de Adultos: Centro de Cultura

Transcrevemos, a seguir, em resumo, o projeto Centro de Cultura (Anexo 1), como o concebeu o professor Paulo Freire:

“... O Centro de Cultura é uma unidade educativa enfeixando um conjunto de motivos, que agregam grupos, que os levam a atividades de objetivos semelhantes”.

Estas atividades variadas, respostas a variações de núcleos diferentes de motivação, se acham porém entrelaçadas e sistematizadas, possibilitando assim um trabalho organicamente educativo”.

“A televisão; a leitura, a costura, e o arranjo da casa, o recreio, a educação dos filhos são motivos geradores de atividades, a congregar grupos, a se alongarem em clubes, que compõem o Centro de Cultura”.

“Assim, haverá tantos clubes no Centro de Cultura quantos sejam os núcleos motivadores de atividades específicas”.

“O motivo TELEVISÃO agrega pessoas que, exercitando determinadas atividades, se constituem em clube. O Tele-clube. Da mesma forma o livro, que provoca a leitura, debate a leitura, a interpretação da leitura e da origem ao clube de leitura, assim sucessivamente”.

“O clube de leitura, o de corte, o tele-clube, etc. congregando pessoas em torno de seus núcleos motivadores, não as desintegram do todo, que é o Centro de Cultura. Por isso mesmo é que as atividades desses clubes são

³ II Congresso Brasileiro de Serviço Social – ANAIS, pag. 248. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio, 1961.

interdependentes e visam a um mesmo objetivo – a educação da pessoa, dos grupos e da comunidade. Os clubes dentro do Centro são dimensões próprias do Centro. Daí que não possam crescer sozinhos. Nem distorcer-se. Nem perder o sentido de unidade de visão que caracteriza o Centro de Cultura”.

“À medida que os grupos formados em torno destes motivos vão se estruturando e ganhando a forma de clubes, com toda a sua dinâmica – se apresenta ao Centro de Cultura uma oportunidade excelente de propiciar a experiência de autogoverno a seus líderes, como a seus liderados”.

“A administração do Centro, que de início cabe ao assistente social do MCP, - passa gradativamente a democratizar-se, fazendo-se colegiada. O Centro passará a ter um Conselho de Direção composto de representante do MCP – assistente social – e do Diretor de cada clube componente do Centro de Cultura”.

“Este Diretor será escolhido por eleição entre os participantes de cada clube”.

“O Conselho de Direção terá um Diretor Executivo, por período determinado – o mesmo do Conselho de Direção – escolhido entre os participantes deste Conselho”.

“Ao lado deste, existirá um outro, que será consultivo e será formado pelos educadores que trabalham no Centro”.

“Não será demasiado chamarmos a atenção para o que significa do ponto de vista da educação democrática e da formação de liderança a própria estrutura administrativa de um Centro de Cultura, nesses moldes. Esta estrutura já é em si mesma, educativa. Acrescentam-se agora, à essência formadora de uma administração assim organizada, as atividades normais de cada clube dentro do Centro e sentir-se-á o alcance de uma experiência desta ordem entre nós”.

“Projeção do Centro na Comunidade – estruturados os clubes dentro do Centro, nascentes e já atuantes os Conselhos – o de Direção e o Consultivo – alongados já os líderes emergentes dos grupos ou dos clubes em educadores populares, partiria o Centro para contactos estreitos com as instituições de sua área de repercussão”.

“A área de repercussão do Centro poderá ser encontrada ou delimitada por meio de pesquisa. Em seu trabalho de educação da comunidade, se esforçará o Centro em transformar a área de repercussão em área de influência”.

“Estreitando as suas relações com as instituições da área, marcha o Centro para a criação de um Conselho de Comunidade, de que ele participará com um de seus líderes. A este Conselho caberá então o estudo, análise dos problemas da comunidade local, com a colaboração do Movimento de Cultura Popular e o encaminhamento de sugestões aos poderes públicos, bem como a motivação do esforço comum”.

“Tele-Clube – O Tele-clube será formado por pessoas que pretendem fazer da televisão um instrumento de cultura e educação”.

“Com a participação e a coordenação de educadores especialmente preparados em componentes do Tele-clube discutirão programas de televisões locais, desenvolvendo sua capacidade crítica”.

“Pretende-se com esses debates a superação de atitudes ingênuas de que decorre a aceitação passiva a qualquer tipo de propaganda ou divulgação”.

“Os Tele-clubes, como de resto o Centro de Cultura, terão de centrar todo seu esforço educativo na busca desse senso crítico, somente como será possível evitarmos posições domesticadoras”.

“É natural, contudo, que haja no Centro de Cultura, programas de televisão que não estejam sujeitos a debates partidas de futebol, por exemplo, em que pese que possam ser também discutidas. Estes programas atenderão ao público ainda não interessado pelo tele-clube”.

“Outros tantos clubes poderão surgir depois do funcionamento regular do Centro de Cultura”.

“Um clube de saúde, por exemplo, pode vir a ser um deles, de importância enorme na área local”.

II – CENTRO DE CULTURA D. OLEGARINHA

A) RAZÕES DE ESCOLHA DA ÁREA DE TRABALHO

Em novembro de 1961, iniciamos a primeira experiência do projeto “Centro de Cultura”, numa área⁴ de observação do professor Paulo Freire, localizada no Poço da Panela⁵, em Casa Forte, no Recife.

A área oferecia algumas condições para a instalação de um Centro, pois era desprovida de serviços semelhantes e, não sendo muito extensa, possibilitava uma experiência em pequenas proporções.

A idéia do Centro veio a coincidir com uma aspitação, nesse sentido, do Monsenhor Lobo, Vigário da Paróquia de Casa Forte, da qual faz parte o Poço da Panela.

Sendo assim, resolveu o Monsenhor Lobo ceder, para sede do Centro, a casa de D. Olegarinha, que havia sido doada a Paróquia e onde já funcionava, pela manhã, uma escola primaria estadual.

A casa é muito ampla e tem uma boa localização, pois fica próxima ao rio Capibaribe, na margem do qual moram várias famílias em mocambos, e num largo onde se situa, também, uma Igreja (de Nossa Senhora da Saúde), local em que se realiza, em janeiro, tradicional festa, de caráter religioso e popular.

⁴ Não denominamos esta área comunidade, por lhe faltarem as características desta, como a conceitua, por exemplo, J. Arthur Rios (em “A Educação dos Grupos”, edição do S.N.E.S., Rio, 1954, pag. 84): “...reservamos o termo (comunidade) aos grupos de localidades que possuem uma idéia clara de seus problemas e finalidades e cujos grupos constituintes agem organicamente para resolver os primeiros e atingir as segundas”.

⁵ Este local é historicamente importante, pela referência que se faz ao casal abolicionista José Mariano e D.Olegarinha, que ali residiu.

B) E S T U D O

Dispondo já de local para a sede do Centro, e com o projeto, que definia qual deveria ser sua estrutura básica, faltávamos, para a instalação, um elemento de importância capital o conhecimento do povo, a fim de levá-lo a fazer funcionar o Centro, participando dele ativamente.

Começamos assim, pelo estudo da área, para que nosso trabalho partisse da realidade local.

Esse estudo foi feito através de visitas às famílias, quando, juntamente com duas colegas, estudantes de Serviço Social, aplicávamos em pequeno questionário (anexo II), depois de explicarmos o que seria o Centro de Cultura.

Escolhemos, aleatoriamente, determinadas casas, sobretudo as da margem do rio e das proximidades da casa onde funcionaria o Centro e visitamos quarenta (40) famílias. Inicialmente apresentávamos um folheto, com desenho e algumas palavras sobre o Centro, o que facilitava o relacionamento e, depois, levantávamos alguns dados relativos à situação social da família e o seu grau de participação em atividades e associações de várias ordens.

Podemos dizer que foi feito um estudo mais informal do que sistemático, desde que, nos contatos com o povo, consideramos mais importante o relacionamento e as informações que os entrevistados nos davam, do que a coleta de dados, como se faz propriamente numa pesquisa.

Assim, no início do trabalho, já tínhamos um relativo conhecimento daquela área do Poço, – fruto de observação, conversas com o povo e resultado do questionário aplicado nas visitas.

Como sabemos o estudo, isto é, a primeira fase do processo de Organização Social da Comunidade, assim como as demais fases, não é estanque, mas se estende durante todo o processo.

Contudo, tomando o estudo como etapa inicial, era, no começo, essa a visão que tínhamos da área.

O Poço da Panela é uma área com características próprias, sendo tradicionalmente “fechada”. Como já fizemos referência, o local é historicamente importante. Colhemos algumas informações sobre sua história, de um dos moradores mais antigos do Poço, Sr. J. de B. (um preto de aproximadamente 90 anos). Ele nos contou que passou a residir no Poço em 1890, onde, nesse tempo, só havia três casas,

numa das quais residia o líder abolicionista José Mariano. Disse que este e sua esposa, D. Olegarinha, protegiam os escravos, fugitivos de seus senhores, e que muitas vezes chegavam ali, quase às portas da morte, em consequência dos maus tratos sofridos. Narrou que D. Olegarinha tratava dos ferimentos dos escravos e os embarcava no rio Capibaribe, atrás de sua casa, em canoas cobertas de capim; e eles fugiam para o Ceará e outras províncias do Norte (que primeiro aboliram a escravidão).

O abolicionista José Mariano foi preso, em 1893. Pouco depois, morreu D. Olegarinha. Constatamos que, aproximadamente há dez anos, começaram a surgir no local os primeiros mocambos, na maioria pertencentes a pessoas vindas do interior.

Atualmente, na área que podemos chamar de ponto central do Poço da Panela, estão localizados, além de algumas casas antigas, várias casinhas e mocambos, nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora da Saúde, da casa de D. Olegarinha (hoje o Centro de Cultura) e do rio Capibaribe.

Com relativa segurança, podemos fazer algumas considerações, em torno da vida dos moradores dessa área do Poço, por nos visitados.

Em relação à instrução, observamos que é maior o número de homens analfabetos ou ligeiramente alfabetizados, do que o de mulheres, sendo que estas, num bom índice, tem o curso primário, as vezes incompleto. Quanto às crianças em idade escolar, quase todas estão na escola.

De uma maneira geral, quanto aos adultos, podemos falar em demissão cultural. Apesar disso, e curioso encontrarmos aí um senhor, protestante, bem idoso, que nunca fora à escola, lendo e comentando a “Metafísica” de Aristóteles... – Outros – são leitores de História e de Machado de Assis...

Quanto à profissão, é pequeno o número daqueles que a tem definida. Podemos falar, com mais precisão, de ocupações várias. Entre estas, a que mais caracteriza a área é a dos “canoeiros”, que trabalham extraindo e transportando areia do rio, a qual é vendida para as construções. Segundo informações (obtidas mais recentemente) dos próprios trabalhadores, ocupam-se nesse trabalho, nesta área, cerca de sessenta homens, além de outros (cinco), que são proprietários das embarcações e que, em alguns casos, também trabalham na extração de areia⁶.

⁶ Tivemos informação de que e bem maior do que no Poço da Panela o número de "canoeiros", que trabalham na extração de areia em outros "portos", ao longo do rio Capibaribe. Em outras épocas, quando ainda não se tinham desenvolvido outros meios de transporte, as canoas que hoje servem quase somente para a extração de areia, eram largamente utilizadas no transporte de mercadorias, e ate de pessoas, entre bairros do Recife.

O trabalho se realiza nos dois períodos de vazante da maré (seis horas, cada vazante), quando os “canoeiros” extraem areia do rio e vão enchendo as embarcações, que comportam dois a três metros cúbicos de areia.

Ate há pouco tempo, a extração era feita com pás e exigia que os “canoeiros” trabalhassem mergulhando, para apanhar a areia no fundo do rio – o que era muito prejudicial à saúde.

Atualmente, eles têm um novo instrumento de trabalho, o “trado”, que se assemelha a um grande funil e possibilita trabalhar sem mergulhar, exigindo, porém, maior emprego de força.

Vale ressaltar que todos os instrumentos de trabalho, como canoas, pás, “trados” pertencem a cerca de cinco proprietários. Uns poucos trabalhadores possuem sua própria canoa.

Depois de cheia a embarcação, o canoeiro paga a alguém (Cr\$ 25,00) para descarregar, num pequeno “porto”; ele não mais suporta esta tarefa, em virtude do cansaço que começa a vencê-lo.

O regime de trabalho é, teoricamente, a “meia”, pois a areia é vendida pelos trabalhadores aos proprietários das embarcações, por menos da metade de seu preço, ou seja, a Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros) o metro cúbico (atualmente). Por sua vez, o proprietário das canoas, se possui caminhões, vende a areia diretamente as empresas construtoras; se não, a entrega a intermediários.

Podemos dar uma ideia aproximada da renda do trabalhador, calculando a partir de alguns dados que nos forneceram.

Em média, um trabalhador enche 10 canoas (de 3 metros cúbicos), por semana; tomando os 30m³ de areia e multiplicando por Cr\$200,00, por quanto cada m³ vendido pelo trabalhador, temos que ele ganha Cr\$6.000,00, por semana e, portanto Cr\$24.000,00 (vinte e quatro mil cruzeiros), por mês. A isso acrescenta-se que a renda da décima canoa de areia é toda do trabalhador (reivindicação partida de um deles); subtraia-se, porém, o que o “canoeiro” paga pela descarga da embarcação, e os dias em que deixa de trabalhar, por motivos diversos.

Quanto aos proprietários – um deles, que possui seis embarcações, vendendo a areia a Cr\$450,00 o m³ (subtraia-se os Cr\$200,00 pagos ao trabalhador), tem um lucro da ordem de aproximadamente Cr\$160.000,00, por mês.

Como vemos, este trabalho é rendoso, principalmente por que há uma grande procura de areia; esta, depois de extraída, imediatamente colocada, em virtude da existência de um número sempre crescente de construções no Recife.

Todavia falta, lamentavelmente, organização ao grupo de trabalhadores empregados nessa atividade; sua situação é de total insegurança, pois não têm contrato de trabalho regularizado, não são segurados da Previdência Social, ficando absolutamente prejudicados, nos casos de doença, velhice, etc., e deixando a família desamparada, quando morrem.

Contam eles, que, nessas ocasiões de necessidade, se ajudam mutuamente, fazendo quotas.

Cinquenta por cento (50%) das famílias do Poço (visitadas) tinham renda superior ao salário mínimo vigente, à época da aplicação do questionário; vinte por cento (20%) tinham renda equivalente e os outros trinta por cento (30%), inferior ao mínimo regional.

Quando tem problemas de saúde, os moradores da área recorrem aos mais variados recursos, sendo frequente procurarem médicos conhecidos (políticos, em alguns casos), que os atendem gratuitamente.

A religião predominante é a católica. Notamos, porém, uma generalizada falta de conhecimento da religião e uma freqüência muito reduzida à Igreja, restringindo-se quase somente as mulheres. Contudo, não podemos deixar de salientar que se sente um interesse mais ou menos latente por assuntos religiosos.

No que diz respeito à recreação, o cinema desperta certo interesse, sobretudo da parte dos jovens e de alguns chefes de família, assim como o futebol. Há um interesse especial por natação, pois alguns dos moradores da área são atletas nadadores da Polícia, e ainda pelo jogo de dominó, que parece ser a diversão dos homens.

Há um relativo grau de sociabilidade, pois eles se visitam com certa freqüência, principalmente aos parentes e amigos, para prestar alguma ajuda.

Nas quarenta famílias visitadas, encontramos 19 eleitores. O que muito nos surpreendeu foi o numero relativamente grande dos que diziam acreditar na política, segundo as respostas dadas ao questionário que aplicamos. Contudo, como veremos, mais adiante, uma das dificuldades que enfrentou o Centro foi precisamente uma profunda desconfiança, decorrente das promessas falsas de alguns políticos ao povo, (instalando instituições “fantasmas”, que morrem logo após as eleições).

Um número muito reduzido dos trabalhadores residentes no Poço são sindicalizados. Pouquíssimos pertencem a alguma associação.

Um dos elementos dessa fase do estudo, que muito nos ajudou a ter objetividade, no trabalho posterior, foi a questão final que levantávamos, em cada visita: Perguntávamos se eles acreditavam que se poderia melhorar a vida do Poço, à base de um trabalho em cooperação; e pedíamos sugestões para o Centro de Cultura, que se iria fundar. Muitos responderam positivamente, enquanto outros manifestavam relativa descrença.

As necessidades mais sentidas pelos moradores da área e manifestadas em resposta ao nosso questionário foram: aula para adultos, curso de corte e costura para as mulheres e a obtenção de um chafariz. Além disso, foram feitas algumas sugestões: Curso de datilografia; construção de uma praça (num pequeno largo ali existente e já praticamente tomado por mocambos).

C) PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES

Segundo Balbina Otoni Vieira⁷, “o planejamento se define como a organização de dados conhecidos para determinar uma ação futura...” “Para o assistente social, o planejamento é a maneira pela qual ele induzirá a comunidade a escolher uma solução e a tomar as providências necessárias a sua execução”.

No Centro de Cultura D. Olegarinha, podemos falar de um planejamento imediato e um planejamento propriamente dito.

O planejamento de atividades imediatas constou de: preparação da inauguração do Centro (o que contou com a participação ativa de várias pessoas da área, já interessadas na iniciativa) e providências para o funcionamento inicial do Centro de Cultura, com uma pequena biblioteca e um aparelho de televisão.

O planejamento propriamente dito diz respeito à organização de todas as atividades (fim próximo) que o Centro viria a ter, visando a uma participação cada vez maior e mais consciente dos frequentadores em sua auto-educação, para alcançarem uma mais humana (fim remoto).

O planejamento é um processo dinâmico, que continua a se desenvolver, acompanhando a vida do Centro, sendo assim concomitante à execução das atividades.

⁷ Otoni Vieira, Balbina. “Introdução à Organização Social da Comunidade”, Publicação do SESC, Rio, 1958, pag. 21.

Partiu-se das sugestões do projeto do professor Paulo Freire – os clubes e das necessidades e interesses manifestados pelo povo.

Deixamos, inicialmente, que as ideias a esse respeito amadurecessem, enquanto aprofundávamos o nosso contato com os frequentadores do Centro.

Aos poucos, foram sendo planejadas as atividades, (planejamento parcial), em reuniões gerais com os frequentadores, e na reunião semanal da diretoria. Nesta, ainda, procedíamos a revisões do funcionamento do Centro, como um todo, planejando globalmente as suas atividades.

D) EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

1. Inauguração

Consideramos que o Centro começou a funcionar, a partir da primeira reunião, em que convocamos os moradores do Poço, para preparar a inauguração. Nas últimas visitas, realizadas com o objetivo de conhecer a área, marcamos a data da reunião e pedíamos que fossem transmitindo, uns aos outros, o convite. Fizemos também um convite geral, por intermédio do Padre que celebra Missa, aos domingos, na Igreja local.

À reunião compareceram, aproximadamente, setenta adultos. Esclarecendo o motivo do convite, fizemos uma interpretação das finalidades do Centro, de sua missão cultural e da necessidade da participação de todos, para sua vitalidade. Passamos, então, a planejar a inauguração, com as pessoas presentes, tendo sido marcada a data, discutido o programa, divididas as tarefas de preparação, em comissões: de convites, de arrumação da sede do Centro, de pintura do nome do Centro, etc.

O Centro foi inaugurado no dia 17 de dezembro de 1961, com a presença do sr. Prefeito do Recife, do Pároco de Casa Forte, do Presidente do Movimento de Cultura Popular, do autor do Projeto “Centro de Cultura” e outros convidados, além do povo do Poço.

Depois da abertura da sessão e da palavra de varias pessoas, inclusive algumas do local, houve uma “aula inaugural”, dada pelo professor Paulo Freire, em que ele fez a ligação entre a história do Poço, na luta pela libertação dos escravos, e a luta que então se estava iniciando, por uma libertação cultural. A aula foi ilustrada com fichas contendo desenhos, que eram projetadas por epidiascópio.

2. Funcionamento inicial

Nos primeiros dias da vida do Centro, foi se dando o engajamento lento, mas progressivo, de novas pessoas. Houve certa resistência, por parte dos adultos, que atribuíamos ao cansaço provocado pelo trabalho pesado, à falta de hábito (os moradores da área se recolhiam muito cedo, antes da criação do Centro) e a uma aversão natural ao excessivo barulho, que era feito pelas crianças. Eles frequentavam o Centro, sobretudo nos dias de reunião (estabeleceu-se a reunião geral, as quartas-feiras) e para assistir alguns programas de televisão. Aos poucos, começaram a apresentar novas sugestões, nas conversas informais que mantinham conosco.

A assistência à televisão começou a suscitar alguns problemas, tais como preferências discordantes pelas duas estações, presença das crianças, etc. Um dos frequentadores, porém, desde o primeiro dia, procurou coordenar as diferentes vontades, encarregando-se de manejar a mudança de canal, no aparelho receptor, de acordo com os programas e o desejo da maioria. O problema das crianças foi discutido com os pais, e uma das educadoras ficou de escolher os melhores programas, indicados para as crianças. Como sabemos, esta é uma tarefa difícil, pois não temos muitas alternativas, diante da qualidade dos programas que a TV nos oferece.

A biblioteca, desde o início até hoje, tem exercido uma atração muito limitada. Isto talvez se deva à qualidade dos livros lá expostos e ao nível cultural pouco desenvolvido da maioria dos frequentadores do Centro.

Ultimamente, a biblioteca tem melhorado um pouco, desde que uma mocinha (ginasiana) se dispôs a se encarregar de seu funcionamento. Discutíamos com essa jovem as sugestões capazes de fazerem a biblioteca funcionar melhor, e deixamos que ela assumisse realmente a tarefa escolhida.

Assim, no primeiro mês, foram se esboçando problemas de administração interna do Centro e tentativas de solução de problemas comunitários. Vale salientar que tínhamos, desde o início, consciência da necessidade de imprimirmos uma orientação flexível ao trabalho, uma vez que estávamos trabalhando com o povo, e devíamos respeitá-lo integralmente, chamá-lo a uma participação cada vez mais ativa na solução dos problemas comuns, enfim, confiar nas suas possibilidades, muitas vezes latentes, oferecendo condições para um despertar, em que cada um descobrirá o valor de sua pessoa e do esforço comunitário, que é preciso fazer, para o desenvolvimento de todos.

3. Direção do Centro:

I – Formação

Como estava previsto no “projeto”, a direção do Centro coube, de início, à Assistente Social. Aos poucos, ela deveria passar ao Conselho de Direção, a ser composto do representante do MCP – assistente social – e dos diretores, eleitos em cada clube componente do Centro de Cultura.

A formação dos clubes ou grupos diversos, todavia, se deu muito lentamente.

Por motivo de força maior, necessitamos nos afastar do trabalho, no segundo mês da vida do Centro, sendo substituída na coordenação por outra concluinte de Serviço Social, que também trabalhava conosco.

Ela começou a sentir que o Centro precisava ter logo uma diretoria e, talvez com um pouco de precipitação, lançou a ideia numa reunião geral. Assim foi constituída uma diretoria, de sete elementos (cinco homens e duas mulheres), que se apresentaram, disponíveis a uma colaboração mais intensa nas atividades do Centro.

Esta diretoria assumiu, de imediato, as suas funções e tomou uma primeira decisão, para resolver um dos problemas iniciais, a que já fizemos referência, proibindo a frequência das crianças ao Centro, à noite, (exceto aos sábados e domingos).

Durante certo tempo, alguns diretores funcionaram, sem muita organicidade, através de uma divisão empírica de determinadas tarefas, tais como: um se encarregando da organização de “shows”; outro, de incentivar esportes, levantando a ideia de um campo de voleibol; outro ainda, responsabilizando-se, praticamente, pelo funcionamento interno do Centro, isto é, abrindo e fechando a sede, controlando o aparelho de televisão, zelando pelo cumprimento da decisão da diretoria, em relação as crianças, enfim, mantendo contato permanente com a coordenação, informando-a das ocorrências do Centro e formulando sugestões.

Essa diretoria, assim formada, tinha o caráter de “provisória” e deveria funcionar até quando fosse possível haver eleição nos clubes, a fim de que ela fosse realmente representativa dos grupos e pudesse exercer uma liderança efetiva. Ao reassumirmos o trabalho, procuramos deixar bem clara essa ideia, principalmente para a própria diretoria.

Na primeira reunião geral que coordenamos, ao voltarmos ao Centro, lembramos a necessidade de a diretoria se reunir e procuramos definir o seu papel na vida e no crescimento do Centro. Assim, começamos a ajudar a diretoria a assumir a sua função na coordenação do Centro de Cultura.

II – Nossa Função na Direção do Centro

Como referimos anteriormente, o Centro, de início, era dirigido pela assistente social. Contudo, a medida que foi se desenvolvendo a liderança de determinados membros da diretoria, procuramos fazer com que todas as decisões partissem dela, como um colegiado.

Com a preocupação de ter um relacionamento educativo e humano com todas as pessoas que frequentavam o Centro, esforçamo-nos por coordenar, com a diretoria, as diversas atividades.

A nossa atuação se fez, sobretudo, através das reuniões com a diretoria em conversas com pessoas, isoladamente ou em grupos, nas reuniões ou nas comissões que se formaram em diferentes ocasiões, visando, ora a realização de atividades internas do Centro, ora a busca de solução de problemas da área do Poço da Panela.

III – Os Membros da Diretoria

Faremos, em linhas gerais, uma apresentação dos elementos que constituíram, durante o ano de 1962, a diretoria “provisória” do Centro de Cultura D. Olegarinha. Foram eles:

a) O.G.S. – senhor de 39 anos de idade; é pai de seis filhos. Até há pouco tempo, era “canoeiro”; agora é vendedor ambulante. Sabe ler, mas escreve com certa dificuldade. Frequentou, durante algum tempo, a aula do Centro, para os alfabetizados. Morava na beira do rio, mas sua casa caiu, numa grande cheia, em 1962.

Engajou-se no Centro desde o início, tendo feito parte da primeira comissão que se formou, na preparação da inauguração.

O sr. O. é inteligente, ativo, dedicado, responsável e de um excepcional bom senso. Exerce, desde o princípio, uma liderança efetiva no Centro, pois, embora algumas vezes se pronuncie como um chefe autoritário, devido a sua personalidade forte, esforça-se por atuar democraticamente. Ele é disponível ao diálogo e ao aprendizado de novas atitudes e ideias. Podemos testemunhar que sua atuação reflete um amadurecimento adquirido na direção do Centro.

O sr. O. goza de aceitação entre os demais freqüentadores do Centro, salvo em relação a algumas pessoas: “ele quer ser dono do Centro”, dizem aqueles que o consideram um tanto desejoso de “projetar” sua personalidade.

b) A.S.N. – tem 45 anos de idade e é chefe de uma família numerosa. Trabalha no serviço de pavimentação da Prefeitura do Recife. Era um dos cinco analfabetos que

começaram a estudar, na primeira experiência de alfabetização feita no Centro; mas teve de desistir, por motivo de saúde. Mora na beira do rio.

O sr. A. aderiu, de logo, ao Centro e passou a frequentá-lo, juntamente com seus filhos.

Ele é um homem bom, mas desanimado e de pouco traquejo. Certa ocasião, manifestou desejo de deixar a diretoria, ressentindo com a incompreensão de frequentadores do Jogo de domingo, pelo qual ele era responsável junto a diretoria. Nós o convencemos a superar o incidente e continuar colaborando, em sua função.

c) E. – jovem, solteiro, que trabalha numa pequena mercearia, de propriedade sua e de irmãos, situada nas proximidades do Centro (sendo, aliás, ponto de encontro dos rapazes do Poço). Reside em Casa Forte e tem o curso ginásial incompleto.

E. interessou-se, logo, pelo Centro, manifestando preocupação pela integração no mesmo das pessoas de diferentes níveis. Mantém um bom relacionamento com todos.

Certa vez, E. quis deixar a diretoria, depois de um desentendimento que teve com outro diretor. Desistiu, porém, após uma conversa conosco, em que se mostrou compreensivo, reconhecendo a sua parcela de culpa na desavença.

d) I. – rapaz também solteiro, que mora perto do Centro. Não tinha ocupação definida, quando entrou para diretoria, o que ocorreu logo quando ela se organizou. Tem instrução primária.

A princípio, ele se entrosou com facilidade, executando as suas tarefas de diretor; depois se afastou um pouco, devido ao compromisso de trabalho, que passou a assumir, fora. Deixou a Diretoria.

e) O.C.B. – sr. de 37 anos de idade, viúvo, com quatro filhas pequenas. É mecânico e tem instrução primária.

Já na visita que lhe fizemos, quando da aplicação do questionário na área, percebemos ter ele qualidades de liderança, e insistimos para que participasse do Centro.

Ele se entrosou, desde os primeiros tempos, nas atividades do Centro, sugerindo e colaborando na organização de “shows”.

Em maio, foi convidado a integrar a diretoria, encarregando-se de organizar festas, “shows”, etc.

Homem inteligente e de iniciativa, a sua presença na diretoria levou a uma certa difusão da liderança, antes exercida quase exclusivamente pelo sr. O.G.S..

Personalidade forte, um tanto autoritário, reluta em aceitar algumas atitudes e ideias democráticas, como – “isso de se dizer ao povo que o Centro é deles” – (crítica sua). Todavia compreende e aceita, quando se lhe explica melhor esta orientação.

Ultimamente, novas responsabilidades de trabalho impossibilitaram-no de continuar tendo a mesma atuação na diretoria; por isso afastou-se dela. Permanece, porém, disponível e nas atividades do Centro, o quanto lhe é possível.

f) T.S. – jovem senhora, com três filhos pequenos; e filha de um dos diretores. Tem instrução primária; mora na beira do rio. Engajou-se no Centro, desde o começo, com bastante interesse; da “ala” feminina, é das que frequentam com maior assiduidade o Centro.

T.S. é inteligente, responsável e muito preocupada com o Centro; no início, era um tanto retraída, mas já venceu boa de sua timidez.

Exerce uma liderança discreta, sobretudo no clube de corte e costura (anteriormente) e no clube de mães, grupos que represente junto à diretoria.

Certa vez, também quis deixar a diretoria, porque achou que haviam “troçado” dela, quando dirigiu uma reunião geral, como diretora executiva. Mudou de idéia, ao ponderarmos sobre o seu papel no Centro e pedirmos que refletisse mais, antes de se decidir.

g) N.A. – é uma senhora de 45 anos, que trabalha como lavadeira numa instituição religiosa, em Casa Forte. Têm filhos adultos, rapazes e moças, alguns dos quais frequentam o Centro. Mora próximo à sede deste. Foi alfabetizada, na primeira experiência de alfabetização do Centro, em tempo recorde.

Dona N.A. tem um temperamento forte e uma grande força de vontade. Começou a frequentar o Centro, contra a opinião de seus familiares e assim também aprendeu a ler. Frequentemente, diante de comentários hostis ao Centro, faz a sua defesa, numa exaltação emocional.

Dona N.A. resolve deixar a diretoria; mas continua a frequentar o Centro, tomando parte em diferentes atividades, como o clube de mães e aula para os já alfabetizados.

IV – Reuniões da Diretoria

Como vemos, o número de diretores variou bastante, durante o ano. Foram sete os que se apresentaram, inicialmente, para constituir a diretoria, sendo que um deles permaneceu muito pouco tempo, por ter ido residir no Rio de Janeiro; a diretoria ficou,

portanto, composta, a princípio, de seis membros. Depois, foi convidado mais um que, juntamente com dois outros, já deixou a diretoria. Atualmente são, pois, quatro os diretores do Centro, que alguns dos que saíram ainda prestam a sua colaboração.

Às reuniões da diretoria, nas segundas-feiras, comparecem, também, algumas vezes, a professora de corte e costura, a dirigente do clube infantil, a professora da turma de alfabetizados (nossa colega, estudante de Serviço Social) e alguns “curiosos”. Quase todos os diretores eram assíduos às reuniões. Preparávamos a pauta da reunião e, no seu início, perguntávamos se eles tinham algum assunto a acrescentar. Discutíamos, então, sobre as atividades do Centro, problemas surgidos ou decisões a tomar. No final, escolhíamos o diretor executivo, que deveria dirigir a reunião geral, na quarta-feira, juntamente conosco, quando comunicávamos os assuntos discutidos e deliberados na reunião da diretoria, e havia possibilidade de debate com os outros frequentadores.

Cada diretor se responsabiliza por determinados setores de atividade do Centro: assim, um é responsável pelo controle do aparelho de televisão e pelo chafariz; outro se encarrega dos “shows” e festas; um terceiro cuida das atividades esportivas dos rapazes; outro, ainda, é responsável pelo jogo de dominó, e assim por diante.

Uma ocasião, eles sentiram a necessidade de redistribuir as funções; alguns sugeriram e apresentaram um elemento “auxiliar”, para sua função respectiva. Essa medida, porém, não foi adiante.

Nas reuniões da diretoria (houve cerca de vinte), procuramos, além de estimular as discussões e apresentar sugestões, interpretar continuamente os objetivos educacionais do Centro e o papel da direção – de planejar, coordenar e dirigir as suas atividades num verdadeiro espírito de equipe.

V – Reuniões Gerais

Um dos principais meios de conseguir uma maior participação e entrosamento dos frequentadores do Centro, nas suas diversas atividades, foi a reunião que começamos a fazer, desde a preparação para a inauguração. As primeiras decisões no Centro foram tomadas, com os que estamos presentes a essas reuniões. Como já vimos a própria diretoria surgiu numa delas. E os assuntos debatidos nas reuniões da diretoria eram, como dissemos, levados aos demais frequentadores, na reunião geral. Aí surgiam novas idéias e preocupações.

Vemos, assim, que as reuniões gerais são de grande importância para a vida do Centro, sobretudo como instrumento de educação democrática e comunitária.

A participação nos debates das reuniões gerais, que, a princípio, se restringia a alguns elementos, melhorou um pouco, à medida que os frequentadores foram se habituando ao diálogo, em torno de assuntos de interesse geral.

A algumas reuniões gerais, em que foram tratados determinados problemas, como o do chafariz, o do campo de voleibol, a experiência de alfabetização, etc., estiveram presentes pessoas especialmente convidadas, por sua ligação com o assunto em foco. Assim lá estiveram, em diferentes ocasiões, entre outros, um engenheiro municipal, o diretor da divisão de esportes do MCP, e o professor Paulo Freire.

VI – Direção: perspectivas novas

Não foi possível, até agora, concretizar o esquema previsto no “projeto”, no que se refere à formação do Conselho de Direção, por diretores eleitos nos clubes, em virtude de um insuficiente desenvolvimento autônomo destes.

Nas reuniões gerais, têm surgido críticas a atuação dos integrantes da diretoria provisória, nem sempre justas, de vez que lhes tem faltado uma maior colaboração dos frequentadores, para a vitalização das diferentes atividades do Centro.

A partir dessas críticas, porém, nasceu a ideia de uma eleição direta dos diretores, tendo em vista dar-lhes maior autoridade, com um mandato conferido pelos membros do Centro, e levando estes a se sentirem obrigados a uma cooperação mais efetiva com os que escolheram, para o exercício de suas atribuições.

Nesse sentido, a nova coordenação do Centro⁸ esta promovendo reuniões, para discutir com os frequentadores qual o melhor processo de formação dessa diretoria, a ser eleita.

4. Atividades desenvolvidas

As atividades desenvolvidas no Centro de Cultura D. Olegarinha surgiram, ora dos interesses manifestados pelos frequentadores, ora das respostas às motivações que o Centro oferece, tais como: televisão, biblioteca, etc..

Existem, assim, atividades de diferentes ordens: educacional-culturais, recreativas e de coordenação de esforços para solução de problemas comunitários.

Faremos, a seguir, a descrição das atividades desenvolvidas através de grupos e, posteriormente nos referiremos as demais atividades:

⁸ A coordenação do Centro passou, ultimamente, para uma de nossas colegas (professora da turma de alfabetizados), desde que estamos licenciadas do trabalho.

a) AULAS PARA OS ADULTOS

I – Experiência de Alfabetização

Sendo a “escola para os adultos” um dos pedidos insistentes dos moradores do Poço, a colega de Serviço Social que, no início do trabalho, nos substituiu por algum tempo, solicitou do professor Paulo Freire que fosse feita no Centro uma experiência de alfabetização, que ele estava preparando.

Aceita a ideia, o professor Paulo Freire pediu que se procurasse cinco analfabetos da área, dispostos a aprender a ler.

Foi assim iniciada, em janeiro (1962), a primeira tentativa de alfabetização, no Centro de Cultura D. Olegarina: com cinco adultos (quatro homens e uma mulher) sob a orientação de um universitário, servindo-se de ajudas visuais (desenhos em fichas, projetadas através de um epidiascópio) e empregando um método eclético⁹.

Em dois meses, com aproximadamente trinta horas, um dos alunos estava lendo trechos relativamente difíceis. Isso representa um verdadeiro recorde de tempo, em experiências de alfabetização.

Por várias circunstâncias, inclusive doença, houve desistência de quatro alunos; desse modo, apenas um foi alfabetizado.

Em março, formou-se nova turma, para repetir a experiência, obtendo-se resultados semelhantes.

II – Aulas para os alfabetizados

Paralelamente à experiência de alfabetização, fizemos no Centro uma turma para os alfabetizados, que começou com cerca de quinze alunos. Estes recebiam aula de uma universitária, estudante do Serviço Social (que muito nos ajudou no Centro).

Essa turma era bastante heterogênea. Inicialmente, as aulas eram dadas com um texto especialmente elaborado; depois, por insistência dos alunos, adotou-se um livro.

Dessas turmas que tivemos no Centro, podemos fazer algumas observações:

– apesar da insistência no pedido de aulas para adultos, poucos se apresentaram para estudar;

– foi bastante acentuado o problema da evasão escolar, com queda de frequência dos inscritos, da ordem de oitenta por cento (80%);

– outro problema que se manifestou claramente foi o da resistência a novos métodos de ensino.

⁹ O professor Paulo Freire ainda está elaborando um relatório, em que sistematiza a experiência.

Em nossos debates com os frequentadores do Centro, procuramos analisar esses fenômenos e insistir no aproveitamento do que o Centro lhes oferecia como oportunidade para uma elevação de seu nível cultural, que poderia, inclusive, refletir-se em uma melhora de suas condições de vida; não percebemos, contudo, respostas muito significativas a essas preocupações.

b) ABASTECIMENTO D'ÁGUA: CHAFARIZ

Outro dos problemas referidos mais insistentemente pelo povo, nas visitas de aplicação do questionário e nos contatos posteriores, no Centro, era o da falta d'água na área do Poço da Panela.

Nos discursos de inauguração do Centro, moradores dali, diante do sr. Prefeito Municipal, reivindicaram a instalação de um chafariz, que, em várias oportunidades, já havia sido objeto de promessas de políticos.

No início de Janeiro (1961), promoveu-se uma primeira reunião das pessoas mais interessadas na solução do problema, ficando constituída uma comissão para tratar do assunto junto à Prefeitura.

No contato com o sr. Prefeito, este, após explicar que outros bairros tinham piores condições de abastecimento d'água, prometeu que mandaria examinar o local, pelo engenheiro do setor competente. Este visitou o Poço, informando-se de que os moradores da área compravam água, pagando semanalmente Cr\$40,00.

Decorreram cerca de dois meses, sem providências a respeito, da parte do serviço municipal de instalação de chafarizes, enquanto no Centro insistia-se na necessidade de solução deste problema, ao lado da discussão de outras questões.

Ao reassumirmos, em março, a coordenação do Centro, procuramos orientar o povo, no sentido de que se buscasse a solução de cada problema a seu tempo, dando ênfase, porém, ao caso do chafariz.

Em contato com o engenheiro da Prefeitura, já referido, disse-nos este que havia outras áreas necessitando de atendimento prioritário, na matéria, por serem mais populosas, determinando um adiamento em relação ao pleito dos moradores do Poço. Sugerimos, então, que ele fosse explicar isto, na reunião geral do Centro de Cultura. Ao mesmo tempo, fizemos sentir aos frequentadores que não deveriam se conformar com protelações na solução do problema.

Em novo contato com o engenheiro M.B., quando lhe fomos lembrar a reunião do Centro, a que ele se comprometera a comparecer, para expor a impossibilidade do

atendimento imediato à reivindicação dos moradores do Peço, tivemos oportunidade de apresentar-lhe novos argumentos em favor da instalação do chafariz: 1 – o número de famílias residentes na área a ser beneficiada (mais de cinquenta); 2 – risco de se comprometer toda a experiência (o Centro – educação de adultos), se não fosse atendida a justa pretensão do povo, etc. O engenheiro M.B. mudou, então, de opinião, e considerou que talvez se pudesse instalar, pelo menos, uma pena d'água (1 ou 2 torneiras), por ser de menor custo. Isso, aliás, já havia sido sugerido por um diretor do Centro.

Em fins de março, o engenheiro M.B., do serviço municipal de instalação de chafarizes, a quem vimos fazendo referência compareceu a uma reunião do Centro, onde discutiu com o povo sobre o problema em foco, ficando acertado que um diretor manteria entendimentos posteriores com aquele serviço, para encaminhar a solução do problema.

Nas semanas seguintes, foram tomadas diversas providências a respeito: fomos com elementos do Centro, em comissão, falar com o Vigário de Casa Forte, acerca da instalação do chafariz no terreno da casa onde funciona o Centro (de propriedade da Paróquia), tendo o Mons. Lobo dado permissão para que se escolhesse o local considerado o melhor; o diretor do Centro, encarregado de ficar em contato com o engenheiro M.B., encaminhou a documentação e retratos da pessoa que o zelador do chafariz, para que a Prefeitura solicitasse à repartição estadual do Saneamento licença para a construção do chafariz e ligação da água.

Passaram-se, mais algumas semanas, sem novas informações sobre o andamento da questão.

Estivemos no Departamento de Saneamento do Estado, onde, com a ajuda de um amigo, funcionário ali, descobrimos que o processo em que a Prefeitura solicitará a licença para ligação da água, juntamente com outros, estava “engavetado”, em virtude de desentendimentos políticos entre os poderes estadual e municipal. Entramos em contato com o funcionário que chefiava o setor de concessão dessas licenças, e ele se interessou pela solução do problema, assegurando-nos que o próprio D.S.E. cuidaria da construção e instalação do chafariz.

Sucederam-se os entendimentos: ida nossa e de pessoas do Centro à repartição do Saneamento, a cobrar o prometido. Afinal, em fins de agosto, o chafariz ficou pronto, marcando-se a inauguração para o dia 2 de setembro. Decidiu-se, porém, antecipá-la para dia primeiro de setembro, em virtude de viagem do Secretario de

Viação e Obras Públicas. Nesse dia, surgiram dificuldades para informar o povo dessa antecipação, em face do defeito no serviço de auto-falante, que se havia contratado para a ocasião.

Contudo, à hora da inauguração, foram se aproximando moradores da área, da sede do Centro, onde se encontravam as autoridades convidadas: Presidente do Movimento de Cultura Popular, professor G.C., e outros diretores do MCP, o Vigário de Casa Forte, o dr. J.C., do Departamento de Saneamento do Estado, o Secretario de Viação e Obras Públicas.

Realizou-se, então, urna rápida solenidade de inauguração, com discursos do Mons. Lobo, do professor Paulo Freire e do Secretário D.S.. Nessa ocasião, demos ênfase ao fato de que se conseguira, afinal, a instalação do chafariz, graças ao esforço conjunto dos moradores da área e à sua persistência na reivindicação.

A conquista do chafariz obteve favorável repercussão no Poço da Panela, resolvendo um sério problema dos moradores dali e contribuindo para uma maior confiança do povo no trabalho do Centro de Cultura.

c) CURSO DE CORTE E COSTURA

Esta foi outra das atividades que logo se desenvolveu, tem despertado de começo, grande interesse no setor feminino. Contratada uma professora, as aulas tiveram início a 8 de Janeiro, com trinta e duas alunas matriculadas, realizando-se duas vezes por semana.

Ao voltarmos no Centro, em março, fizemos uma reunião com a professora, quando procuramos avaliar o andamento dessa atividade o interesse e a integração das alunas, o desenvolvimento do curso, os problemas surgidos, como se exercia a liderança na turma. Naquela época, o curso tinha uma boa frequência (26) e as alunas se entrosavam bem. As alunas M.J.A. e T.A. (uma das diretoras do Centro) pareciam exercer uma liderança positiva no grupo.

Apesar de ainda estarem aprendendo a cortar os moldes, as alunas começaram a colocar o problema da máquina, que seria necessária, quando fossem aprender a costurar. A primeira sugestão levantada foi que aquelas que possuísem máquinas colocassem à disposição das outras. Contudo, essa sugestão não era viável em relação ao curso.

Na reunião com a professora, conversamos ainda sobre a necessidade de todas as atividades estarem entrosadas, a fim de que o Centro formasse um todo e realizasse

integralmente sua função educativa. Surgiu então uma dificuldade concreta, de coincidência de horário de duas atividades: curso de corte e aula de alfabetização; a professora encarregou-se de consultar se alguma aluna passar a estudar nas turmas de alfabetização.

Na atividade que estamos referindo – curso de corte e costura – paralelamente ao aprendizado do corte, desenvolveu-se um trabalho educativo, em torno da aquisição de uma máquina de costura, a ser feita pelo Centro. Essa idéia surgiu numa reunião geral: fariam uma caixa comum – todos contribuiriam para a compra da máquina. Um dos diretores fez uma caixa de madeira e doou ao Centro. Outras sugestões foram surgindo: algumas alunas fizeram leilões (de bolos, galinha, etc.), durante os 'shows' realizados no Centro.

Em conversa com M.A. e T.A., estas deram a entender a opinião, segundo a qual o MCP deveria dar a máquina. Procuramos interpretar a posição da instituição, explicando que, num trabalho educativo – não se devia doar todas as coisas, mas, ao contrário, era importante estimular, constantemente, o esforço conjunto e a participação de todos na solução de problemas comuns.

Em seguida, passamos a tomar informação dos preços de máquinas de costura, no comércio.

Numa reunião da diretoria (24.4.62), onde explicamos o andamento do problema da máquina, decidiu-se comprá-la na loja Mesbla, a prazo, sendo o pagamento feito, a metade pelo Centro (que promoveria a obtenção de recursos para isso), e a outra parcela paga pelo MCP. Fizemos, então, uma “solicitação” (anexo IV) à presidência do Movimento de Cultura Popular, pedindo a participação financeira da instituição na compra da referida máquina.

Ao recebermos o apoio do MCP à nossa proposta, fomos, em comissão com duas alunas do curso, efetuar a compra da máquina de costura, na Mesbla (dia 8.5.62).

Essa turma de corte, que começara com tanto entusiasmo, foi aos poucos desanimando, reduzindo-se bastante o número das alunas que frequentavam. Várias vezes conversamos com a professora sobre a diminuição da frequência; procurávamos descobrir uma maneira de manter contato com as alunas que haviam se afastado, a fim de saber os motivos da desistência, ouvir as suas possíveis queixas e obter sugestões para a organização de novas turmas.

Nesse tempo, ocorreu a cheia do rio (começo de julho), que paralisou as atividades normais do Centro, desde que este se transformou em abrigo provisório para muitas famílias.

Depois disso, apesar de o Centro já ter uma máquina de costura, a turma de corte praticamente se desfez, ficando reduzida a poucas pessoas, que iam lá costurar algumas roupas.

Fizemos uma reunião com a professora e algumas das alunas, quando procuramos informar-nos das causas, que determinaram o seu resultado desta atividade.

Nessa ocasião, as alunas afirmaram que o motivo principal do insucesso foi o método de ensino da professora: suas explicações não eram suficientemente pormenorizadas, como as alunas desejavam.

Além da razão apontada pelas alunas (a professora justificou-se, afirmando que ensinara como aprendera e que estava disposta a adotar outro método) – podemos acrescentar que alguns intervalos longos, como o da compra da máquina e o da cheia do rio, levaram várias alunas a desanimar.

Atualmente, estando a professora de corte sem exercer suas funções, passou a substituir o professor de alfabetização, após receber treinamento específico para isso.

Além do curso de corte, houve no Centro uma pequena turma de bordado, com a mesma professora. Também esta turma se desfez, aos poucos, se bem que as alunas tenham conseguido alguns ensinamentos básicos, como o “pano de amostra”.

d) CLUBE DE MÃES

A ideia de um clube de mães foi lançada por nossa colega (que nos substituiu, quando estivemos afastadas), no início do Centro, entre as mães que frequentavam o curso de corte, tendo sido bem aceita por muitas delas.

Como sabemos, para a criação e funcionamento de um clube de mães, se faz necessário uma orientadora com certa disponibilidade de tempo, a fim de manter todos os contatos para a motivação e formação do mesmo, assim como para acompanhá-lo em suas atividades normais, para que atinja seus objetivos.

Uma das principais dificuldades que retardou a formação do clube de mães, nos primeiros meses do Centro, foi precisamente a falta de uma orientadora disponível.

De nossa parte, procurávamos não acumular demasiadas responsabilidades,

a fim de evitar dispersão na coordenação do Centro. Contudo, em agosto, decidimos orientar o clube e esperamos que surgisse uma ocasião propícia, para levantarmos a idéia novamente.

Começamos a combinar com os diretores e algumas mães, principalmente T.A., (uma das componentes da Diretoria), a melhor maneira de lançar o clube no Centro. T.A., por sugestão fez pequenos cartazes, anunciando o clube de mães.

Procurando utilizar, para a divulgação da idéia, os meios mais acessíveis, explicamos, numa reunião geral do Centro, o que seria o clube de mães, em linhas gerais, acentuando a sua importância para as famílias do Poço. Falando da necessidade de divulgação do clube, solicitamos a colaboração de todos, sugerindo aos maridos e filhos que transmitissem às suas esposas e mães convite para uma primeira reunião, em que se discutiria a possibilidade de fundação do clube. Para surpresa nossa, porém, foi quase nula a repercussão dessa reunião.

Depois, em contato com a Diretoria do Centro, pedimos a opinião dos diretores sobre o fato. Todos acharam que não deveríamos começar o clube logo; deixássemos para depois da instalação do chafariz e das eleições, para conquistarmos maior confiança dos frequentadores.

Alguns dias após, Monsenhor Lobo (com quem havíamos conversado sobre este assunto) participou de uma reunião geral no Centro e fez referência aos benefícios que um clube de mães poderia trazer para as famílias do Poço.

Em outra oportunidade, decorridos alguns dias, e aproveitando a presença de um considerável número de mães no Centro, quando da distribuição de óleo alimentício (restante do tempo da cheia do rio)¹⁰, procuramos mostrar que o Centro necessitava, também, da participação ativa das mulheres e que, se nos reuníssemos, poderíamos fazer muito pelo bem de todos, principalmente através de um clube de mães.

Nessa ocasião, acrescentamos que sabíamos serem as mães muito atarefadas, restando-lhes pouco tempo disponível; mas não lhes seria impossível reservar duas horas por semana, quando se conversaria sobre assuntos variados, aprender-se-ia coisas novas e, enfim, elas poderiam se divertir um pouco. Uma das professoras do Centro, presente na oportunidade, e uma mãe, T.A. (da diretoria) também falaram, incentivando a idéia.

¹⁰ Vide "CHEIA", página 40.

Começamos a indagar o dia e hora mais convenientes para uma outra reunião, em que explicaríamos, com mais pormenores, como seria o clube. Quase todas preferiram à noite, marcando-se para as vinte horas da quinta-feira seguinte. Manifestou-se, então, uma outra mãe, D.J., aluna do Centro, insistindo no comparecimento de todas as presentes (cerca de quinze), e no seu interesse em convidar outras para a reunião marcada.

Preparamos a reunião, consultando uma publicação do DNCR¹¹: ‘Clube de Mães da Campanha Educativa’, que enumera como objetivos desse clube os seguintes:

- “1. Despertar nas maes a consciência da responsabilidade social decorrente de sua missão como esposa e mãe.
2. Orientá-las quanto aos direitos e deveres da família, relações dos seus membros entre sí, união na defesa dos direitos da família.
3. Despertar-lhes a responsabilidade dos cuidados pré-natais e levá-las a compreender as vantagens da frequência regular ao Posto de Puericultura ou a outros serviços materno-infantis.
4. Suscitar-lhes o interesse pelos problemas da criança e de sua educação.
5. Incentivar-lhes o gosto pelo trabalho e indicar-lhes os meios de realizá-lo de maneira agradável e produtiva.
6. Proporcionar-lhes orientação na medida suas necessidades, considerando casos de desajustamento e encaminhá-las aos serviços sociais da comunidade.
7. Estimulá-las à cooperação ativa, despertar-lhes a responsabilidade através do desenvolvimento de atividades práticas e da participação na direção dos clubes, interessá-las pela promoção dos meios necessários à sua manutenção.
8. Facilitar-lhes o aproveitamento e criação de recursos na comunidade, de acordo com as necessidades individuais e coletivas”.

Procurando explicar esses objetivos da maneira mais acessível, assim fizemos a primeira reunião do clube, com as mães do Poço:

Chegando ao Centro, encontramos o salão todo arrumado (mesa com toalha e jarro com planta, enfeitando).

Aproximando-se a hora marcada, começaram a chegar algumas mães.

Desligada a televisão, as crianças saíram, ficando apenas as menores, no colo de suas mães. A professora de corte (que estava sem tarefa, no momento) organizou brincadeiras com as crianças, no terraço do Centro.

Enquanto esperávamos que chegassem outras mães, as que já estavam na sala permaneciam caladas, demonstrando haver pouca espontaneidade entre elas. Consultamos, então, a todas se poderíamos iniciar logo a reunião, ou se deveríamos aguardar durante mais alguns minutos de tolerância, entabulando uma conversação informal, para desfazer a inibição.

Instantes após, demos começo a reunião pedindo que cada uma se identificasse. Estavam presentes dezesseis mães.

¹¹ Clube de Mães da Campanha Educativa – M.S. – Departamento nacional da Criança. Coleção D.N.Cr., nº 161. Rio de Janeiro, 1960.

Inicialmente, perguntamos se sabiam o que era um clube de mães. Diante da generalizada resposta negativa, procuramos explicar que as mães, que têm tanta responsabilidade numa família e, portanto, um papel importante na Sociedade, ficam quase sempre ‘de lado’, isto é, em suas casas, suportando todo o peso do trabalho familiar, sem uma possibilidade de renovação ou de participação em outras atividades¹².

Por isso, dissemos, surgiram os clubes de mães, como um instrumento de educação e de integração das mães na vida social. Passamos, então, a expor os objetivos do clube, mais pormenorizadamente.

Nessa altura, elas começaram a participar mais ativamente da reunião, sobretudo quando indagamos se dizíamos a verdade em relação à situação das mães na nossa realidade:

Uma delas deu testemunho de quando se sentia bem em vir ao Centro, depois de um dia cansativo de trabalho. Insistiu na diferença entre como se sente agora e como se sentia antes, quando não havia o Centro, pois vivia com “cabeça cheia”. Outra disse que só se alegra, em meio às preocupações, “quando olha para o céu e apela para o Nosso Senhor”. Não gosta de divertimentos, e deste mundo não espera nada.

Aproveitando esse depoimento, acrescentamos que Nosso Senhor estava também nas outras pessoas¹³, o que, do ponto de vista cristão, as alegrias e as tristezas devem ser postas em comum, como também os conhecimentos, para que se possa resolver os problemas, com ajuda mútua.

Perguntamos, então, se haviam entendido bem a exposição e se já sabiam as finalidades de um clube de mães.

Algumas se manifestaram, dizendo ser “para aprender a educar os filhos”, “para ter onde ir...”, etc.

Esforçamo-nos por mostrar que o clube era feito por elas, e que todas são importantes nele; do grau de participação delas (sugerindo, reclamando contra o que não gostassem, atuando, colaborando), dependia a existência e vitalidade do grupo ou seu insucesso.

A esta altura, fizemos a pergunta: querem mesmo o clube? – Todas responderam sim, algumas com mais entusiasmo. Explicamos que aquelas que dessem seus nomes para integrar o clube deveriam vir a todas as reuniões, faltando apenas por motivo sério. Finalmente, acertamos o dia e hora da reunião, mais convenientes para todas. Concluíram mesmo para quinta-feira, às 19:30 horas.

Dizendo que todas tentassem trazer pelo menos mais uma mãe, para a próxima reunião, combinamos o assunto a ser tratado nessa. Sugerimos uma palestra de D. Dolores Coelho¹⁴. Uma das mães presentes, porém, discordou, ponderando que deveríamos fazer umas três reuniões, sem convidar ninguém de fora, a fim de que elas se acostumassem, naturalmente, ao diálogo entre elas mesmas. Apoiamos essa opinião, e decidimos que cada uma pensaria alguns “pontos”, para fazermos o programa do clube, apresentando suas sugestões na reunião seguinte, com que se finalizou esta primeira reunião, às 21 horas.

¹² Observamos ser este fenômeno mais acentuado nas camadas sociais mais pobres.

¹³ Demonstramos, na oportunidade ter a mesma confissão religiosa desta senhora – o Cristianismo.

¹⁴ D. Dolores Coelho, nossa supervisora, já havia feito uma palestra no centro, no dia das mães, sobre educação familiar, agradando plenamente.

Além dessa, fizemos mais dez reuniões com o Clube de Mães, antes de nos afastarmos do Centro, sempre partindo das sugestões que as próprias mães davam como assunto para as mesmas. Vale salientar que, até então, elas não se inclinaram ao aprendizado de novas tarefas.¹⁵

Nessas reuniões, tivemos como assuntos principais: discussão das sugestões apresentadas; preparação da festa das crianças, que foi organizada pelo Clube de Mães, avaliação dessa festa (que foi muito positiva); palestra de D. Dolores sobre educação dos filhos; debates sobre o tema dessa palestra; debates sobre a educação sexual dos filhos; organização do Clube; recreação, etc.

Como esperava uma das mães, na primeira reunião, as relações dos membros do Clube foram se desenvolvendo aos poucos. O Clube se integrou bem no Centro, sendo notória a participação das mães nas suas atividades, como, por exemplo, na festa do primeiro aniversário do Centro e em várias outras ocasiões.

e) CLUBE DOS JOVENS

Um certo número de jovens que frequentam o Centro, manifestou, desde o início deste o interesse por esportes, particularmente por voleibol.

Vários entendimentos foram tentados, no sentido de construção de um campo de esportes, no terreno ao lado do Centro (pertencente, também, à Paróquia).

Levantaram-se inúmeros obstáculos,¹⁶ mas assim mesmo continuaram os interessados empenhando-se em concretizar a iniciativa: surgiu, então, a ideia de se fazer o campo fora do muro do Centro.

Numa das reuniões gerais do Centro esteve presente o diretor da Divisão de Esporte do MCP, discutiu-se nessa ocasião, sobre o que seria necessário para a construção de um campo e formação de um “time”. A essa altura, já era maior o interesse por futebol de salão.

O Campo de esportes¹⁷ seria construído com a participação dos rapazes, e o material seria conseguido com ajuda do MCP, da Prefeitura Municipal, etc.

¹⁵ Ausência de interesse nesse sentido talvez se explique pela sua pequena disponibilidade de tempo e pela falta de condições do Centro, para algum curso noturno que desejassem fazer.

¹⁶ Um deles era uma plantação da zeladora da igreja, existente naquele terreno, pela qual ela pedia indenização excessiva.

¹⁷ Para esse fim, os rapazes fizeram a limpeza de uma pequena arca próxima ao muro da sede do Centro (do lado de fora).

Contudo, apesar de todo esse esforço, os rapazes acabaram por desanimar, talvez em virtude de ter chegado a época das chuvas e diante de dificuldades surgidas com relação à ajuda do Movimento de Cultura Popular.

Notamos que particularmente as jovens estavam freqüentando o Centro, sem encontrar nele atividades que atraíssem especificamente o seu interesse. Pensamos, então, na possibilidade de formação de um grupo de jovens, que, posteriormente, viria a se transformar em clube.

Por esse tempo, começou a trabalhar conosco no Centro outra colega (estudante do Serviço Social), que se encarregou de organizar e orientar esse novo clube.

O Clube de Jovens se desenvolveu, tendo como principal interesse atividades esportivas. Na intenção de adquirir uma bola de voleibol, as moças promoveram rifas, exibição de filmes, etc., – revertendo a renda para aquele fim. Alguns rapazes (mais jovens) passaram também a se interessar, integrando-se no clube.

Adquirida a bola, iniciaram treinos, dos quais participam muitos rapazes¹⁸.

O Clube de Jovens vem se integrando, aos poucos, nas atividades gerais do Centro de Cultura.

Fizemos, ainda, com algumas moças, um debate, a partir de um programa de televisão, sobre um assunto de interesse delas¹⁹. O programa utilizado foi – ‘Alô, doçura’. A experiência foi positiva, não sendo, porém, repetida.

f) CLUBE INFANTIL

Entre os frequentadores do Centro, talvez os mais assíduos sejam as crianças, que são atraídas (irresistivelmente) pela televisão.

Como já referimos logo no início das atividades do Centro de Cultura surgiram problemas em relação à frequência das crianças. A Diretoria estabeleceu, então, que elas só poderiam assistir à televisão aos sábados e domingos. Contudo, essa medida não foi cumprida, pois aos poucos foi-se permitido ligar o aparelho, em dias comuns, para que elas assistissem a um ou outro programa interessante.

Certa vez, com o atraso de uma aula, ligou-se a televisão, estando a sala cheia de crianças. Sucediãem-se programas (histórias em série), em que o tema central era a violência.

¹⁸ Ultimamente, os rapazes cotizando-se - adquiriram, também, uma bola e fizeram uma rede de voleibol.

¹⁹ Ver “TELECLUBE”, no projeto ‘Centro de Cultura’ anexo I.

Conversamos, então, com alguns grupos de adultos, que estavam presentes, sobre esses programas – salientando o critério puramente comercial de sua exibição e o espírito imitativo dos produtores dessas séries; principalmente, comentamos acerca do mal que elas fazem às crianças, excitando-as e tornando-as agressivas.

Muitos concordavam conosco; outros diziam – “mas são os programas de que eles mais gostam!” – Uma senhora nos contou, na ocasião, que seu filhinho, de cinco anos, pedira ao pai que comprasse um revólver, “para ele matar o ladrão!”

Do local onde conversávamos, ouvíamos as músicas de “suspense”, que acompanham esses filmes seriados, e podíamos avaliar o seu efeito psicológico sobre as crianças.

Fizemos observações quanto à impossibilidade prática de os pais vetarem tais programas para seus filhos, a não ser que um grande número se organizasse e protestasse coletivamente junto aos organizadores dos programas, nas emissoras de TV. Sugerimos, enfim, a possibilidade de promovermos palestras para os pais, abordando esses problemas na educação dos filhos.

Tínhamos em mente, ainda, em relação às crianças, organizar algumas atividades recreativas no Centro de Cultura, destinadas especialmente a elas.

Aproveitando a disponibilidade de uma jovem, frequentadora do Centro, propusemos a criação de um clube infantil, que seria orientado por ela; discutimos com ela quais as atividades que poderiam ser desenvolvidas pelo clube, como ela se prepararia orientá-lo, e quando poderíamos iniciá-lo.

Quanto às atividades do clube, pensamos em brincadeiras diversas, jogos recreativos e na organização de uma biblioteca infantil.

Uma preparação imediata da recriadora foi feita, através da leitura de um livro especializado no assunto, e de debates em torno desse tema, com um grupo no Movimento de Cultura Popular.

O clube infantil iniciou suas atividades em outubro, na festa das crianças, organizada pelas mães e pela recriadora: na ocasião, algumas crianças, numa “esquete”, apresentaram o clube às demais, e todas cantaram um pequeno hino do clube.

Todas as segundas e quintas-feiras, as crianças se reúnem na sede do Centro com a recriadora E.F., quando brincam o fazem algumas leituras. Todavia, as atividades do clube são ainda bastante limitadas, devido à carência de condições materiais.

5 – Outras atividades

O Centro de Cultura D. Olegarinha desenvolveu, ainda, atividades de ordem mais geral, tais como:

A) PALESTRAS

Promovemos algumas palestras, de educadores e de outras pessoas disponíveis para colaborar com o Centro, em diversas oportunidades. Entre outros assuntos, foram discutidos: o analfabetismo, o custo de vida, a SUDENE, educação familiar (no dia das mães), o sentido da Páscoa, etc.

Essas palestras eram geralmente ouvidas com atenção, por um número considerável de pessoas, e em quase todas houve uma participação satisfatória dos presentes nos debates, que se seguiam.

B) FILMES

Foi feita no Centro uma experiência de exibição de filmes educativos, em colaboração com o Consulado Americano, que teve boa repercussão. Não foi possível, porém, fazer, como pretendíamos um debate posterior à exibição do filme, em torno do assunto levantado por este, em virtude do grande número de assistentes e da presença das crianças, que atrapalhavam um pouco. Conseguimos, contudo, reunir as mães presentes e, numa espécie de reunião extraordinária do clube das mães, comentamos um dos filmes (o mais interessante) – “A vida em nossas mãos” – que narra o esforço comunitário realizado por uma pequena comunidade rural, para resolver um de seus problemas.

No debate-comentário desse filme, algumas mães observaram a semelhança entre o trabalho da comunidade apresentada e as atividades promovidas ou incentivadas pelo Centro de Cultura.

C) “SHOWS” E FESTAS

Por sugestão de um dos Diretores do Centro, foram apresentados alguns “shows”, com a participação dos próprios frequentadores, – que muito divertiram as

famílias do Poço. Algumas festas dançantes foram organizadas, também, sob a orientação dos mesmos diretores.

Para essas promoções, tem eles de enfrentar certas dificuldades, como a falta de um serviço de amplificação de som (o do MCP não é muito disponível). Quando não conseguem este, alugam máquina sonora particular, cotizando-se para o pagamento, dentro de um espírito de cooperação.

D) JOGOS DE SALÃO

Aproveitando o interesse natural dos homens por jogo de dominó e com o objetivo de atraí-las para o Centro, colocamos nestes dois jogos (adquiridos pelo MCP), além de um outro, doado por um frequentador.

Atualmente, em todas as horas de folga, os homens do Poço vão lá jogar dominó (no terraço do Centro): em três mesas, eles se revezam continuamente, dando oportunidade a todos que querem Jogar.

O jogo de dominó realmente atraiu a muitos que não frequentavam o Centro. Mas a maioria dos que se divertem jogando dominó, absorvidos por este, não têm se interessado em participar de outras atividades do Centro, deixando-nos preocupados quanto ao risco de desvirtuamento de suas finalidades. Por isso, tencionam-se regular o horário dessa diversão, suspendendo-a durante as aulas, quando se reiniciarem estas, em 1963.

Os rapazes também se interessam pelo dominó e participam do jogo, frequentemente. Mas, entre os jogos de salão, preferem o ping-pong. Jogam-no em mesa própria, doada por um dos rapazes do Poço, tendo o material sido adquirido por eles mesmos.

Por isso, dissemos, surgiram os clubes de mães, como um instrumento de educação e de integração das mães na vida social. Passamos, então, a expor os objetivos do clube, mais pormenorizadamente.

Nessa altura, elas começaram a participar mais ativamente da reunião, sobretudo quando indagamos se dizíamos a verdade em relação à situação das mães na nossa realidade:

Uma delas deu testemunho de quanto se sentia bem em vir ao Centro, depois de um dia cansativo de trabalho. Insistiu na diferença entre como se sente agora e como se sentia antes, quando não havia o Centro, pois vivia com a “cabeça cheia”.

Outra disse que só se alegra, em meio às preocupações, “quando olha para o Céu e apela para Nosso Senhor”. Não gosta de divertimentos, e deste mundo não espera nada.

Aproveitando este depoimento, acrescentamos que Nosso Senhor estava também nas outras pessoas²⁰, o que, do ponto de vista cristão, as alegrias e as tristezas devem ser postas em comum, como também os conhecimentos, para que se possa resolver os problemas, com ajuda mútua.

Perguntamos, então, se haviam entendido bem a exposição e se já sabiam as finalidades de um clube de mães.

Algumas se manifestaram, dizendo ser “para aprender a educar os filhos”, “para ter aonde ir”, etc.

Esforçamo-nos por mostrar que o clube era feito por elas, e que todas são importantes nele; do grau de participação delas (sugerindo, reclamando contra o que não gostassem, atuando, colaborando), dependia a existência e vitalidade do clube ou seu insucesso.

A esta altura, fizemos a pergunta: querem mesmo o clube? Todas responderam sim, algumas com mais entusiasmo.

Explicamos que aquelas que dessem seus nomes para integrar o clube, deveriam vir a todas as reuniões, faltando apenas por motivo sério. Finalmente, acertamos o dia e hora de reunião, mais convenientes para todas. Concluíram mesmo pela quinta-feira, às 19:30 horas.

Dizendo que todas tentassem trazer, pelo menos mais uma mãe, para a próxima reunião, combinamos o assunto a ser tratado nessa. Sugerimos uma palestra de D. Dolores Coelho²¹. Uma das mães presentes, porém, discordou, ponderando que deveríamos fazer umas três reuniões, sem convidar ninguém de fora, a fim de que elas se acostumassem mais naturalmente, ao diálogo entre elas mesmas. Apoiamos essa opinião, e decidimos que cada uma pensaria alguns “pontos”, para fazermos o programa do clube, apresentando suas sugestões na reunião seguinte. Com o que se finalizou esta primeira reunião, às 21 horas.

Além dessa, fizemos mais dez reuniões com o Clube de Mães, antes de nos afastarmos do Centro, sempre partindo das sugestões que as próprias mães davam, como assunto para as mesmas.

Vale salientar que, até então, elas não se inclinaram ao aprendizado de novas tarefas²².

Nessas reuniões, tivemos como assuntos principais: discussão das sugestões apresentadas, preparação da festa das crianças, que foi organizada pelo clube de mães, avaliação dessa festa (que foi muito positiva); palestra de D. Dolores sobre educação dos filhos, debates sobre o tema dessa palestra, debates sobre educação sexual dos filhos, organização do clube, recreação, etc.

²⁰ Demonstramos, na oportunidade, ter a mesma confissão religiosa dessa senhora Cristianismo.

²¹ D. Dolores Coelho, nossa supervisora, já havia feito uma palestra no Centro, no dia das mães – sobre educação familiar agradando plenamente.

²² A ausência do interesse nesse sentido talvez se explique pela sua pequena disponibilidade de tempo e pela falta de condições no Centro, para algum curso noturno, que desejassem fazer.

Como esperava urna das mães, na primeira reunião, as relações dos membros do clube foram se desenvolvendo, aos poucos. O clube se integrou bem no Centro, sendo notória a participação das mães nas suas atividades, como, por exemplo, na festa do primeiro aniversário do Centro, e em várias outras ocasiões.

E) CLUBE DOS JOVENS

Um certo número de jovens, que frequentam o Centro, manifestou, desde o início deste, interesse por esportes, particularmente por voleibol.

Vários entendimentos foram tentados, no sentido da construção de um campo de esporte, no terreno ao lado do Centro (pertencente, também, à Paróquia).

Levantaram-se inúmeros obstáculos²³, mas assim mesmo continuaram os interessados empenhando-se em concretizar a iniciativa: surgiu, então, a ideia de se fazer o campo fora do muro do Centro.

Numa das reuniões gerais do Centro, esteve presente o diretor da Divisão de Esportes do MCP. Discutiu-se, nessa ocasião, sobre o que seria necessário para a construção de um campo e a formação de um “time”. A essa altura, já era maior o interesse por futebol de salão.

F) CHEIA DO RIO

Uma ocorrência extraordinária, que acarretou sérios problemas para os moradores do Poço, cujas casas são mais próximas do rio, foi a cheia, neste ano (1962).

Cerca de trinta famílias, das que ficaram desabrigadas, em consequência da invasão de seus casebres pelas águas do rio, alojaram-se no Centro²⁴.

Tomamos várias providências, no sentido de solucionar ou minorar aquela situação calamitosa: dirigimo-nos, em comissão formada com alguns pais de família da área, à Prefeitura, a fim de solicitar material para conserto das casas danificadas, no que tivemos pronto atendimento. Entramos, ainda, em contato com a Divisão de Saúde do Movimento de Cultura Popular, que efetuou a distribuição de remédios e vacinação de muitas pessoas. Finalmente, solicitamos da “Caritas”, organização da Arquidiocese de

²³ Um deles era urna 'plantação', da zeladora da igreja, existente naquele terreno, pela qual ela pedia indenização excessiva.

²⁴ Em outras ocasiões semelhantes, o Vigário de Casa Forte permitira que as famílias desabrigadas se alojassem, ora na Igreja do Poço, ora no "colégio" (hoje, o Centro).

Olinda e Recife, alimentos para sanar a situação de emergência a fome das famílias, cujos chefes estavam impossibilitados de trabalhar, pois a maioria, que trabalha na extração de areia do rio, tinha de esperar que as águas baixassem, para reiniciar a sua atividade²⁵.

A cheia do rio e o conseqüente alojamento das várias famílias no prédio do Centro ocasionaram a paralisação das atividades normais deste, por cerca de quinze dias.

G) TENTATIVA DE ORGANIZAÇÃO DOS “CANOEIROS”

Tendo conhecimento da situação dos “canoeiros”, descrita anteriormente, era preocupação nossa reuní-los, para discutir a esse respeito, numa tentativa de levá-los a se organizarem melhor em seu trabalho.

As primeiras informações que tivemos sobre o problema nos foram dadas por um dos Diretores do Centro de Cultura, desde o início deste; mais de uma vez discutimos com ele a viabilidade de reunião dos interessados, para tratar do assunto.

Todavia, só em novembro foi possível marcar uma reunião dos “canoeiros”, após um contato demorado com um pequeno grupo deles, que frequenta o Centro.

Um dos “canoeiros”, sr. E.B., além de nos fornecer novas informações, preparou conosco a reunião, sugerindo que mandássemos um convite pessoal escrito além do que ele faria verbalmente a cada trabalhador. Elaboramos um pequeno convite²⁶, que ele se encarregou de entregar aos companheiros. Convidamos, também, para orientar as discussões, um advogado, colaborador do Centro, entendido em legislação trabalhista.

À reunião estavam presentes o advogado convidado, cerca de vinte trabalhadores, um proprietário de várias canoas, e mais dois “canoeiros” que têm sua própria canoa, cada um, além de alguns curiosos.

Inicialmente, fizemos uma justificação do convite para aquele encontro, salientando o objetivo do Centro de ajudá-los a melhorar suas condições de vida, sobretudo pela discussão de seus problemas comuns, a fim de que se esclarecessem acerca das soluções viáveis para os mesmos, as quais deveriam buscar, todos eles, com empenho.

²⁵ Curiosamente, os “canoeiros” alegram-se com a cheia, que lhes destrói os mocambos. É que ela traz maiores oportunidades de trabalho para eles: quando as águas baixam um pouco, grande quantidade de areia pode ser extraída. Trabalham, então, cantando, revelando assim seu contentamento.

²⁶ Termos do convite: “Caro amigo - Compareça ao Centro de Cultura, para urna reunião especial sobre seu trabalho, sexta-feira, às 19 horas. Contamos com sua presença. Agradecida”.

Demos continuidade à reunião, examinando a situação do trabalho deles, a partir das informações que já obtivéramos.

A essa altura, eles começaram a participar mais ativamente dos debates, confirmando os dados que havíamos apresentado. O advogado examinou, então, com os presentes, os problemas: da identificação profissional (Carteira do Ministério do Trabalho), contrato de trabalho, previdência social, etc. (Apenas uns três tinham Carteira profissional – não assinada – e ninguém tinha previdência social).

Discutiui-se sobre as vantagens (e desvantagens?) de eles se tornarem segurados do Instituto (IAPI, no caso). Muitos relutam em se associar, devido a contribuição mensal que teriam de recolher para o Instituto e ao conceito (quase sempre merecido) dos IAPs, quanto ao mau atendimento que dispensam aos segurados; contudo, consideramos com os “canoeiros” que, mesmo mal atendidos, eles teriam um pouco mais de segurança, – com a previdência – em confronto com a sua situação atual; absolutamente desprotegidos em casos de doença, velhice ou morte.

O proprietário presente afirmou que segurar os trabalhadores na Previdência traria vantagem para os patrões uma vez que alguns (como era o seu caso) ajudam os empregados, quando estes necessitam; a contribuição patronal à Previdência corresponderia a essa ajuda, que eles (alguns) dão atualmente. Referiu-se, ainda, este patrão a casos de “trabalhadores irresponsáveis (principalmente solteiros), que abandonam o trabalho, quando estão devendo dinheiro adiantado pelos patrões”(?)

Finalmente, perguntamos aos trabalhadores se eles desejavam mudar de situação e estavam dispostos a lutar por isso, ou se preferiam continuar à margem da Previdência e de outras garantias da legislação social. Quase todos responderam que queriam melhorar sua condição de trabalho.

Ficaram como conclusões dessa reunião as seguintes:

- a) os presentes conversariam sobre o assunto com outros colegas trabalhadores e com os patrões;
- b) todos os que não tinham identificação profissional ficaram de providenciar a sua Carteira do Ministério do Trabalho, – de acordo com a orientação do advogado – e pro curar seus respectivos patrões, para assinar o contrato de trabalho;
- c) ficamos de marcar nova reunião, uns quinze dias após essa, para a qual eles deveriam convidar outros trabalhadores, e o advogado traria um funcionário do IAPI, para orientação assim completa sobre inscrição no Instituto, como segurados.

Ainda durante a reunião, levantou-se a hipótese de fundação de um Sindicato. Explicando as finalidades deste, o advogado considerou inviável a concretização da idéia, a curto prazo, em virtude do pequeno número de integrantes da categoria profissional (trabalhadores na indústria de extração de areia), no Poço da Panela, a falta de entrosamento com os trabalhadores da mesma categoria em outros locais e a quase inexistência de espírito associativo entre eles, bem como dificuldades burocráticas para a fundação e reconhecimento legal de Sindicato – processo bastante demorado.

Depois dessa reunião, procuramos manter um contato permanente com os interessados no problema, principalmente com o sr. E.B., a fim de marcar a reunião

seguinte, que ficara previsto. Soubemos, porém, após o nosso afastamento do trabalho (nessa época), que os “canoeiros” estavam desanimados, e a segunda reunião não foi realizada.

Entre as dificuldades surgidas, para a regularização da situação profissional dos trabalhadores (bem como a sua inscrição como segurados da Previdência), destaca-se a necessidade de prévia regularização dos patrões, cujas pequenas empresas não têm qualquer registro junto às repartições competentes, nem tem maior interesse nisso, para evitar a tributação. E a fiscalização dessas repartições, que deveria compelir os próprios a regularizarem sua situação, nem sempre funciona a contento. E é muito difícil atuar em relação a empresas de pequeno porte, sem sede, ou quase nada que as identifique. (Embora tenham renda considerável, como demonstramos anteriormente).

Em suma, não foi possível levar avante a idéia de organização dos trabalhadores na indústria de extração de areia – “canoeiros do Poço da Panela, visando a melhorar sua situação, dando-lhes um pouco de segurança, através das conquistas da legislação social.

O levantamento da questão, porém, certamente dará lugar a esforços futuros, para modificar a atual condição daqueles trabalhadores – de absoluta instabilidade.

E) AVALIAÇÃO

Depois de havermos relatado essa pequena experiência, realizada no Poço da Panela, julgamos necessário avaliá-la, examinando as principais dificuldades encontradas no decorrer da mesma, que podemos considerar como resultados positivos.

Entre os obstáculos que impediram um maior rendimento de nosso trabalho, destacamos os seguintes:

I – Nossa falta de experiência, necessária em trabalhos de organização da comunidade, determinou inúmeras dificuldades na coordenação do Centro de Cultura. Não podemos deixar de registrar, no entanto, que essa situação foi bastante amenizada, pela inestimável ajuda que recebemos de nossa supervisora.

II – Como já fizemos ligeira referência, no relato da experiência, o Centro de Cultura teve de se impor ante uma onda de desacredito, manifestada por muitos moradores do Poço da Panela, quanto à seriedade do trabalho e os objetivos da entidade nascente.

Esse problema se originou de boatos espalhados por algumas pessoas do local, criando-se a idéia de que o Centro teria fins políticos. Foi árdua a nossa luta, assim como de muitos frequentadores, no sentido de interpretar as finalidades educativas do Centro, alheias a interesses eleitorais. Mas assume tal proporção a desconfiança do povo nos políticos, que, apesar de toda a nossa seriedade e fidelidade aos objetivos do Centro, persistiu por muito tempo, entre outras, a ideia de que o Centro encerraria suas atividades, após as eleições governamentais do Estado, em outubro. Vale ressaltar, contudo, que essa falsa crença existia mais difundida entre as pessoas que não frequentavam o Centro.

III – Diante das diferentes motivações de ordem educacional, que o Centro de Cultura oferecia aos seus frequentadores, Foram insatisfatórias as suas respostas, ocasionando um mínimo da experiência, sob esse aspecto.

A pequena procura das aulas para os adultos, a evasão das turmas organizadas no Centro, o desinteresse pela biblioteca, a preferência notória pelas atividades recreativas tudo isso nos levou a pensar numa possível inapetência educativa, da parte dos moradores do Poço.

A respeito desse problema, levantamos alguns pontos para reflexão, sem pretendermos, contudo, determinar aqui as razões explicativas do fenômeno:

– Terá sido a escolha do local infeliz para a instalação de um Centro, levando a um desperdício de recursos educacionais?

– Estaria a falha na seleção e escolha das atividades educativas do Centro?

– Serão as condições de vida dos moradores do Poço da Panela determinantes da acomodação (observada, sobretudo nos adultos), dificultando assim uma maior participação dos mesmos no seu desenvolvimento cultural?

–Estarão, atualmente, os frequentadores em melhores condições de participarem das atividades educacionais, após um ano de existência do Centro, em que se desenvolveu relativamente um espírito comunitário entre eles?

A reflexão destas questões poderá trazer novos elementos, para o planejamento de unidades semelhantes ao Centro de Cultura D. Olegarinha, ou ajudar urna construtiva do trabalho do Poço da Panela, visando à sua continuação, com rendimento educacional mais apreciável.

IV – Fazendo a avaliação da direção do Centro, encontraremos vários pontos positivos na sua atuação. Todavia, a Diretoria “provisória” enfrentou muitas dificuldades, decorrentes, principalmente, de sua formação ter sido um tanto precipitada. Por não haver sido eleita, ela careceu da condição de representatividade, que deveria ter. Talvez por tenha lhe faltado maior reconhecimento, apoio e cooperação, da parte dos frequentadores do Centro.

V – A Escola primária estadual, que funciona, pela manhã, na mesma sede do Centro de Cultura, poderia se constituir um elemento altamente positivo na educação dos adultos, desde que, num trabalho de cooperação – Escola e Centro – permitisse a formação de círculos de pais e mestres que levariam os pais a participarem mais ativamente na educação dos filhos. Sendo, porem, a Escola bastante deficiente, faz com que os pais mandem as crianças estudarem fora do Poço.

Apesar de havermos tentado, não conseguimos a colaboração da professora da manha, para um trabalho conjunto – Escola e Centro de Cultura. Contudo, novas tentativas nesse sentido poderão ser feitas pelo Centro.

VI – Numa instituição nova e ainda em formação, como o Movimento de Cultura Popular, a implantação de cada projeto educacional nele elaborado significa abertura de novos campos de atuação. No MCP, estes campos têm se ampliado consideravelmente, exigindo da instituição uma revisão constante de sua estrutura organizativa, para que esta se adeque às exigências do seu crescimento. Entretanto, essa revisão, por motivos que não cabe examinar aqui, não tem sido feita.

No trabalho do Centro de Cultura D. Olegarinha, faltou-nos, da parte do MCP, como instituição mantenedora, apoio suficiente que significaria mais estímulo e disponibilidade de condições materiais necessárias ao desenvolvimento da experiência. Não podemos, porém, deixar de ressaltar a boa vontade, em relação ao nosso trabalho, do coordenador do Projeto de Educação de Adultos do MCP, setor de que faz parte o Centro de Cultura.

Podemos considerar que a experiência do Centro de Cultura D. Olegarinha, no período aqui relatado, apresentou os seguintes pontos positivos:

I – O nosso relacionamento com as diversas pessoas e os diferentes grupos, no Centro, foi realmente construtivo, pois que, em termos de amizade e respeito, procuramos ajudá-los a tomar consciência de suas necessidades e possibilidades, estimulando-os a participarem conscientemente da vida do Centro.

II – Levando em conta as dificuldades relatadas acima, foi bastante satisfatória a participação de muitos frequentadores nas várias atividades do Centro. Entre outros fatos, que demonstram uma crescente participação e um engajamento consciente dos moradores do Poço da Panela no Centro de Cultura, temos a destacar:

– o esforço de alguns frequentadores, para a aquisição de objetos necessários a diversas atividades, principalmente recreativas;

– a decisão tomada pelos frequentadores, no sentido de que eles, e não o MCP, é que deveriam pagar a conta da energia elétrica consumida na sede do Centro;

– o propósito de não deixar que o Centro se extinguísse, diante de eventuais dificuldades enfrentadas pelo MCP, pois se convenceram de que o Centro lhes pertence realmente;

– a persistência manifestada na luta para que os poderes competentes instalassem na área do Poço da Panela um objetivo – chafariz – visado desde o início da vida do Centro (e antiga aspirações dos moradores do local), afinal alcançado.

– Finalmente, podemos considerar que, embora decorrido pouco tempo da experiência educacional e de organização da comunidade aqui brevemente relatada, o Centro de Cultura D. Olegarinha conseguiu despertar a ajudar a desenvolver-se um espírito comunitário em nível apreciável, entre os moradores do Poço que frequentam a entidade.

CONCLUSÕES

Refletindo sobre os problemas levantados neste trabalho, formulamos despretensiosamente algumas observações, à guisa de conclusões; estas, no entanto, não têm absolutamente caráter de definitivas, podendo ser reformuladas, desde que novos estudos e reflexões e, principalmente, maior experiência nos capacitem para tanto:

I – Embora implique num custo social bastante elevado, sobretudo para as nações economicamente atrasadas, a educação popular se impõem por duas razões básicas:

a) a recuperação das grandes massas dos que não tiveram acesso à Escola significará um incremento dos mais valiosos dos recursos humanos dessas nações – que constituem o seu mais precioso capital – no esforço pelo desenvolvimento econômico e social, em que se empenham;

b) o esforço pelo desenvolvimento se justifica, entre outras considerações, pela aspiração a uma convivência legitimamente democrática (que assegure a todos liberdade e igualdade de condições) dos indivíduos e grupos das diversas comunidades humanas – locais, nacionais, internacional e para tornar as massas aptas a realizar essa aspiração que é de justiça – torna-se indispensável proporcionar-lhes um mínimo de formação educacional.

Devem, portanto, as diferentes forças sociais – o Estado, como as instituições particulares promoverem programas de educação popular, de modo especial em situações como a do nosso país, onde as carências nesse setor assumem índices verdadeiramente alarmantes.

II – Essa educação deve levar os adultos a participarem, conscientemente, do processo de mudança das estruturas econômicas e sociais, dentro de um espírito comunitário, que supere os vícios do Individualismo, em busca de formas mais justas e autenticamente humanas de organização social.

III – O Centro de Cultura é um instrumento válido, em programas de educação popular – em moldes democráticos e comunitários.

IV – A atuação dos Centros de Cultura, como de outras iniciativas visando a educação do povo, deve se integrar em programas amplos de desenvolvimento da comunidade, como os planos de urbanização ou de reforma das estruturas agrárias, para que possa atingir plenamente seus objetivos.

V – A luta pela recuperação ou conquista, através da educação, das massas de adultos incultos, para que tenham condições de melhor participar dos benefícios do progresso e da civilização, constitui uma tarefa bastante árdua, cujos resultados não se alcançam muito rapidamente.

BIBLIOGRAFIA

CLUBE DE MÃES da Campanha Educativa. Rio de Janeiro. Ministério da Saúde – Departamento Nacional da Criança. 1960.

II Congresso Brasileiro de Serviço Social. Rio de Janeiro. Anais – Confederação Nacional do Comércio. 1961.

JUNQUEIRA, Helena Iraci. *Curso de Serviço Social de Comunidade*. São Paulo. 1954.

OLIVEIRA, Nair Cruz de. *Uma experiência de Centro Social*. Rio de Janeiro. SESC. 1955.

RECIFE. MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR. *Estatutos do MCP*. Recife. 1961.

RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro. S.N.E.S. 1954.

VIEIRA. Balbina Ottoni. *Introdução à Organização Social de Comunidade*. Rio de Janeiro. SESC. 1958.

ANEXO I

MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

Projeto de Educação de Adultos: Centro de Cultura – (Paulo Freire)

“Uma das preocupações presentes a estudiosos dos problemas do homem moderno nos centros urbanos vem sendo o de sua “demissão”, afogado na domesticação niveladora da massificação.

O homem dos centros modernos urbanos, submetido a uma série infinda de controles que ele mesmo não conhece e que quase sempre não percebe, vem assumindo formas de comportamento standardizado. Suas reações perdem as mais das vezes a nota individual. Suas respostas são respostas generalizadas. Os meios modernos de difusão, de propaganda, de comunicação com as massas, vem pondo o homem desses centros em atitudes preponderantemente acríticas, ingênuas.

À propaganda comercial, com toda a sua força convincente, vem se juntando, servindo-se dos mesmos meios – a propaganda de ideias, de princípios.

Corre-se o risco da desumanização do homem, de sua massificação, de sua desespiritualização.

Daí que sociólogos como Manheim, representante de urna das correntes preocupadas com este problema – insistem tanto em urna educação advertida deste perigo.

Em urna educação que busque a inserção conscientemente crítica do homem na sua problemática.

“O método, diz Manheim, consiste em voltar a descobrir os efeitos educativos dos grupos primários, em criar tais grupos onde não existam (centros comunais, centros de saúde comunal) – centros de cultura, acrescentaríamos nós – em sublinhar sua continuidade e sua utilidade”. – (Libertad, Poder y Planificacion democrática – pag. 293).

No caso brasileiro, parece-nos crescer este perigo, precisamente pela inexperiência democrática enraizada em nossas matrizes culturais.

Se no trânsito em que vivemos para uma sociedade “aberta” fatos novos estão dia a dia pondo o homem brasileiro em atitudes mais democráticas, não nos esqueçamos de que o nosso passado antidialógico, por isso antidemocrático se afirma constantemente em nossas posições.

Há hoje toda uma Psicologia histórica esclarecendo a força dessas marcas de ontem na composição de atitudes individuais e coletivas do homem de uma sociedade.

Somos assim dos que, participando felizes do trânsito que faz a sociedade brasileira, vêm criticamente a necessidade que temos de não largarmos o homem para que não se perca em posições massificadas.

Dos que vêm a necessidade de desenvolver a capacidade crítica do homem brasileiro, agregando-o em grupos, através de que faça aquela educação a que se referiu Manheim.

Não há na verdade democracia sem consciência crítica e não há criticidade nas posições massificadas. Daí a ênfase que teremos de dar à educação para a criticidade.

O centro de cultura é uma unidade educativa enfeixando conjunto de motivos que agregam grupos, de objetivos semelhantes.

Estas atividades variadas, respostas a variações de núcleos diferentes de motivação, se acham porem entrelaçadas e sistematizadas, possibilitando assim um trabalho organicamente educativo.

A televisão, a leitura, a costura e o arranjo da casa, o recreio, a educação dos filhos são motivos geradores de atividades, congregar grupos, a se alongarem em clubes, que compõem o Centro Cultura.

Assim, haverá tantos clubes no Centro de Cultura quanto sejam os núcleos motivadores de atividades específicas.

O motivo TELEVISÃO agrega pessoas que, exercitando determinadas atividades, se constituem em clubes: O Tele-clube. Da mesma forma o livro, que provoca a leitura, debate a leitura, a interpretação da leitura e dá origem ao clube de leitura, assim sucessivamente.

O clube de leitura, o de corte, o Tele-clube, etc., o clube de pais, congregando pessoas em torno de seus núcleos motivadores, não as desintegram do todo, que é o Centro de Cultura. Por isso mesmo é que as atividades desses clubes são interdependentes e visam a um mesmo objetivo – a educação da pessoa, dos grupos e da comunidade. Os clubes dentro do Centro são dimensões próprias do Centro. Daí que não possam crescer sozinhos. Nem distorcer-se. Nem perder o sentido de unidade de visão que caracteriza o Centro de Cultura.

À medida que os grupos formados em torno destes motivos vão se estruturando e ganhando a forma de clubes, com toda a sua dinâmica – se apresenta ao Centro de Cultura uma oportunidade excelente de propiciar a experiência de autogoverno a seus líderes, como a seus liderados.

A administração do Centro, que de início cabe ao assistente social do MCP, passa gradativamente a democratizar-se, fazendo-se colegiada. O Centro passará a ter um Conselho de Direção composto de representante do MCP – assistente social – e de Diretor de cada clube componente do Centro de Cultura.

Este Diretor será escolhido por eleição entre os participantes de cada clube. O Conselho de Direção terá um Diretor executivo, por período determinado o mesmo do Conselho de Direção – escolhido entre os participantes deste Conselho.

Ao lado deste, existirá um outro, que será consultivo e será formado pelos educadores que trabalham no Centro.

Não será demasiado chamarmos a atenção para o que significado ponto de vista da educação democrática e da formação de liderança a própria estrutura administrativa de um Centro de Cultura, nesses moldes.

Esta estrutura já é, em si mesma, educativa. Acrescentem-se agora à essência formadora de uma administração assim organizada, as atividades normais de cada clube dentro do Centro e sentir-se-á o alcance de uma experiência desta ordem entre nós.

PROJEÇÃO DO CENTRO NA COMUNIDADE

Estruturados os clubes dentro do Centro, nascentes e já atuantes os Conselhos – o de Direção e o Consultivo – alongados os líderes emergentes dos grupos ou dos clubes em educadores populares, partiria o Centro para contactos estritos com as instituições de sua área de repercussão.

A área de repercussão do Centro poderá ser encontrada ou delimitada por meio de pesquisa. Em seu trabalho de educação da comunidade, se esforçará o Centro em transformar a área de repercussão em área de influência.

Estreitando as suas relações com as instituições da área, marcha o Centro para a criação de um Conselho de Comunidade, de que ele participará com um de seus líderes. A este Conselho caberá então o estudo, análise dos problemas da comunidade local, com a colaboração do Movimento de Cultura Popular e o encaminhamento de sugestões aos poderes públicos, bem como a motivação do esforço comum.

TELECLUBE

O Teleclube será formado por pessoas que pretendem fazer da televisão um instrumento de cultura e de educação.

Com a participação e a coordenação de educadores especialmente preparados, os componentes do Teleclube discutirão programas das televisões locais, desenvolvendo sua capacidade crítica.

Pretende-se com esses debates a superação de atitudes ingênuas de que decorre a aceitação passiva a qualquer tipo de propaganda ou divulgação.

Os Teleclubes, como de resto o Centro de Cultura, terão de centrar todo seu esforço educativo na busca desse senso crítico, somente como será possível evitarmos posições domesticadoras.

As sociedades que transitam como a nossa, de formas fechadas, tribais, antidialógicas para formas em processo de abertura, se inserem num amplo e crescente processo de “rebeldia”, que exige uma educação voltada para a criticidade.

Quanto mais se desenvolva essa criticidade, tanto mais se firmará a capacidade decisória do homem, fundamental e indispensável ao funcionamento da democracia, que antes de ser forma de governo é disposição mental – é atitude.

Os centros urbanos brasileiros vem apresentando um tipo preponderante de consciência, que vimos chamando de transittvo-ingênuo. Este tipo de consciência vem sendo o resultado de uma promoção automática, provocada por modificações infra-estruturais, de um tipo de consciência que chamamos de intransitiva. O passo indispensável da transitividade ingênuo para a crítica há de ser, porém, o resultado da educação, fundada em condições culturais propícias. Se não conseguirmos este passo, corremos o risco de distorções – não de involuções – que nos levem à “consciência fanática”, própria da massificação.

O Tele-clubes, dentro ou fora do Centro de Cultura, poderá e deverá desenvolver um eficiente esforço neste sentido.

Servir-se-ão os educadores das técnicas de discussão em grupo e terão de desenvolver em si também um alto teor de criticidade.

É natural, contudo, que haja no Centro de Cultura, programas de televisão que não estejam sujeitos a debates – partidas de futebol, por exemplo, em que pese que possam ser também discutidas. Estes programas atenderão ao público ainda não interessado pelo tele-clubes.

CLUBE DE LEITURA

Agrupa todas as pessoas que se interessam por leitura, quer seja esta feita no Centro de Cultura ou em casa, com o livro retirado por empréstimo. – Objetivos:

- a) Propiciar aos participantes do Centro maior acesso à boa leitura.
- b) Desenvolver a “consciência crítica” do homem, através do trabalho educativo em torno do livro e em combinação com elementos audiovisuais.

- c) Desenvolver o espírito comunitário nos participantes do clube, integrando-os criticamente com os problemas de sua comunidade local.
- d) Propiciar de futuro aos adultos analfabetos ora alfabetizando-se nas escolas radiofônicas do Movimento instrumentos de sua capacidade de ler.
- e) Motivar e desenvolver a apetência pela leitura nas áreas populares.
- f) Motivar seus participantes para que vão cada vez mais se integrando no espírito do Centro, nos seus objetivos.

Os educadores ligados aos clubes de leitura farão discussões com os participantes do clube, ora sobre leituras feitas por eles, ora sobre leituras realizadas pelos próprios educadores. Ampliarão esses debates sobre problemas locais partindo de análise das instituições de serviço da comunidade, auxiliados por meios audiovisuais.

CLUBE DOS PAIS

O clube dos pais congregara as famílias de alunos das escolas do MCP existentes no Centro de Cultura; o clube se estruturara a partir dos círculos de pais e professores – na verdade, um dos capítulos da educação de adultos.

Recebera esse clube a colaboração de educadores, de um lado, do próprio Projeto de Educação de Adultos, de que o Centro de Cultura é um dos aspectos, do outro, a divisão do ensino do MCP.

CLUBE DE COSTURA

Este clube abrigaria senhoras donas de casa e jovens, a quem daria conhecimentos objetivos que visam ajudar sensivelmente o orçamento familiar.

No programa de educação de base a ser dado às participantes desse clube se dará os princípios cooperativistas, no sentido da criação posterior de uma cooperativa de produção, que teria nas feiras a serem instituídas nos Centros Artesanais da Divisão de Artes Plásticas o seu mercado.

Parece-nos que uma experiência desta ordem poderá ser tentada.

CLUBE RECREATIVO

Reunira as pessoas – sobretudo os jovens – em torno de atividades desportivas, como jogos de salão. Seus componentes receberão igualmente educação de base.

Muitos dos jogos que este clube pode dinamizar terão seu material construído pelo próprio clube, estimulando-se assim o senso de colaboração, de participação.

O Centro de cultura se caracterizará por não fazer “doações”, adequado assim a uma das conotações fundamentais da filosofia da MCP.

Outros tantos clubes poderão surgir depois do funcionamento regular do Centro de Cultura.

Um clube de saúde, por exemplo, pode vir a ser um deles, de importância enorme na área local.

MECANISMO ESTRUTURAL DO CENTRO DE CULTURA

De início a Assistente Social comandará o Centro. Trabalhará na área próxima, no sentido de motivar pessoas a integrar-se nas iniciativas do Centro.

Com a criação dos clubes e o surgimento de liderança natural, forma-se o Conselho de Direção.

RELAÇÃO DO CONSELHO DE DIREÇÃO COM OS CLUBES

O diretor de cada clube, participante do Conselho, prestará contas a seus companheiros de clube do que passa na alta direção do Centro. Levará ao Conselho as posições de seus companheiros. O Conselho, por sua vez, fará reuniões de assembléia geral, de que participarão os componentes de todos os clubes.

O coordenador do projeto de Educação de Adultos, por sua vez, fará reuniões mensais, usando técnicas de educação informal, com os membros do Conselho de Direção.

Nestas reuniões, essencialmente educativas, se ira fazendo o indispensável trabalho de formação de uma autêntica liderança, preparando-se já a etapa de projeção do Centro de Cultura na comunidade local.

Nesta fase, criado o Conselho de Comunidade, fará o Projeto de Educação de Adultos o mesmo trabalho, agora junto aos membros deste Conselho.

ANEXO II

PROJETO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS
CENTRO DE CULTURA D. OLEGARINHA
POÇO DA PANELA
RECIFE

NOME _____ nascimento ___/___/___

Número de pessoas até 7 anos _____ de 7 a 14 _____ de 14 em diante _____

Registrados _____

Grau de instrução – sabe ler _____ sabe escrever _____ assina o nome _____

Tem curso completo _____ (em caso positivo designar) Entre as pessoas de 7 a 14,
quantas estão na escola? _____ Se há algumas sem escola, por que

Quando alguém adocece na família, a quem procurar? _____

Onde faz suas compras? _____ Faz suas compras por semana ou
diariamente? _____

Profissão – Em que trabalha _____ Tem uma profissão? _____

Qual? _____ Há outras pessoas na família, que
trabalham? _____ Quem? _____

Em que? _____

Poder aquisitivo da família _____ (soma dos esforços)

Religião – Tem religião? _____ Qual? _____ Se não tem, por que?

_____ Se tem, cumpre seus princípios? _____

Por que? _____

Diversão – Vai ao cinema? _____ a futebol? _____ Por quê?

_____ visita ou recebe frequentemente visitas de seus
amigos? _____ Por quê? _____ Gosta de

contar ou ouvir histórias? _____ Quais as histórias que mais lhe interessam? (Indagar
sobre histórias mal assombradas) _____

Outras diversões _____

Vida política – É sindicalizado? _____ Por quê? _____ Faz parte de alguma sociedade ou de algum Clube? _____ Por quê? _____

Toma parte ativa na sociedade ou no clube? _____

Como? _____

Na sociedade ou no clube há eleições? _____ Vota nas eleições do clube ou sociedade? _____ Por quê? _____

Tem título de eleitor? _____ Se não tem, por quê? _____

Quem tirou seu título, algum amigo? _____ Algum político? _____

Acredita em eleições? _____ Por quê? _____

Que gostaria de ter no Centro de cultura? _____

Acredita que se pode melhorar a vida no Poço da Panela, a base de um trabalho em colaboração? (Esclarecer a questão, fazendo a pergunta com outras palavras) _____

Dê exemplos do que se poderia fazer assim _____

OBSERVAÇÕES: _____

ANEXO III

Recife, 8 de março 1962.

Solicitação do CENTRO DE CULTURA D. OLEGARINHA do Projeto de Educação de Adultos do MCP.

O Clube de Costura é atualmente uma das principais atividades do Projeto de Educação de Adultos – Centro de Cultura D. Olegarinha, atividade cuja necessidade sentimos desde o início do trabalho do MCP no Poço e vem encontrando todo o apoio de nossa parte.

Consideramos o Clube de Costura de grande utilidade:

- a) o aprendizado da costura contribuirá para aumentar a receita da família;
- b) é um dos meios de maior entrosamento das mulheres no Centro;
- c) é uma atividade que pode e deve ser utilizada para a socialização das mesmas;
- d) há 26 mulheres frequentando regularmente a 1ª turma do Curso de Corte e Costura, que atualmente estão sendo iniciadas nas aulas de costura.

Tendo em vista que para o melhor funcionamento desse Curso é indispensável, inicialmente, pelo menos uma máquina de costura, os moradores do bairro, que participam mais ativamente das atividades do Centro, tomaram a iniciativa de criar uma “caixa comum”, a fim de arrecadar fundos para aquisição de uma máquina.

Considerando o que expusemos acima, pedimos à Direção do MCP que participe do financiamento para a compra da referida máquina, nas seguintes condições:

1. estamos informadas de que uma máquina marca “Long Life” custa Cr\$33.460,00 (trinta e três mil, quatrocentos e sessenta cruzeiros) pagáveis em 24 prestações de Cr\$1.365,00 (hum mil trezentos e sessenta e cinco cruzeiros), além de Cr\$700,00 (setecentos cruzeiros) de entrada;
2. O Centro se responsabilizaria pelo pagamento da entrada e 12 (doze) prestações; o MCP se responsabilizaria pelo pagamento de 12 (doze) prestações;
3. O MCP e o Centro se responsabilizariam alternadamente pelo pagamento mensal das prestações.

Agradecendo desde já a atenção dada a esse nosso pedido, firmamo-nos pedido,

Zaira Ary
Educadora do Projeto
Pela Diretoria Provisória do Centro